

Universidade Presbiteriana Mackenzie
Faculdade de Direito

Paulo Eduardo Misiuk Correa Dos Santos

**ELEMENTOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO SOCIAL
BRASILEIRO**

São Paulo
2019

Paulo Eduardo Misiuk Correa Dos Santos

**ELEMENTOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO SOCIAL
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como exigência parcial para obtenção do
título de Bacharel em Direito.

Orientador: Prof. Ms. Júlio César Vellozo

São Paulo
2019

Paulo Eduardo Misiuk Correa Dos Santos

**ELEMENTOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO SOCIAL
BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como exigência parcial para obtenção do
título de Bacharel em Direito.

Aprovado em: São Paulo, __ de __ de 2019

Banca examinadora

Examinador (a):

Examinador (a):

Examinador (a):

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por mais esta conquista, servindo, muitas vezes, de fonte onde obtive apoio e força.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e investirem no meu futuro.

Ao meu irmão e cunhada pelo apoio.

A minha companheira e amiga, Ana Paula Donato, pela compreensão, amor e todo apoio durante o trabalho e o período acadêmico.

Agradeço igualmente ao meu querido orientador pelos ensinamentos, conhecimentos, atenção e paciência durante a confecção do presente trabalho.

RESUMO

Esse trabalho visa a contar sobre a história do pensamento social brasileiro e sua evolução durante os anos até chegar na sua atualidade.

A ideia de fazer esse tema surgiu após eu selecionar a matéria de cujo nome também é “Elementos da História do Pensamento Social Brasileiro” ministrada pelo meu professor que também é meu orientador Júlio César Vellozo que foi de matéria optativa na Faculdade de Direito Mackenzie para conclusão do curso.

Após muito se interessar pela matéria venho por meio desta explicar e contar ainda mais a fundo o que me foi aprendido também em sala de aula durante esse curso de um semestre, como também com pesquisas mais a fundo sobre cada pensador social brasileiro, mostrando e contando sobre os mais importantes pensadores, desde seus primeiros passos como suas obras mais importantes para entendermos sobre os elementos importantes sobre o nosso Brasil.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o decorrer da história e seus elementos sociais que trazem como fio condutor as reflexões sobre o Brasil através de seus pensadores.

Palavras-chave: Miscigenação. Populismo. Pensadores Brasileiros. Colonização

ABSTRACT

This paper aims to tell about the history of Brazilian social thought and its evolution over the years until it reaches its present day.

The idea of doing this theme came after I selected the article by the name of “Elementos da História do Pensamento Social Brasileiro” given by my teacher, who is also my advisor Julio César Vellozo, who was an optional subject at Mackenzie Law School.

After much interest in the subject, I come here to explain and tell even more in depth what I learned in the classroom during this course of a semester, as well as further research on each Brazilian social thinker, showing and counting about the most important thinkers, since his first steps as his most important works to understand the important elements about our Brazil.

This paper aims to analyze the course of history and its social elements that bring as a guiding thread the reflections on Brazil through its thinkers.

Keywords: Miscegenation. Populism. Brazilian thinkers. Colonization.

SUMÁRIO

1. Introdução -----	1
2. Autor: José Bonifácio -----	2
2.1. Ideias -----	3
3. Autor: André Rebouças -----	6
4. Autor: Joaquim Nabuco -----	9
5. Autor: Visconde do Uruguai -----	12
6. Racismo científico -----	16
7. Autor: Gilberto Freyre -----	17
7.1. Conceito pré Gilberto Freyre -----	18
7.2. Corrente do não contato -----	18
7.3. Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala) -----	19
8. Autor: Sérgio Buarque de Holanda -----	25
8.1. Interpretação sobre o livro -----	25
9. Autor: Alexis Tocqueville -----	30
10. Autor: Raymundo Faoro-----	34
11. Autor: Caio Prado Júnior -----	40
12. Autor: Antonio Candido -----	42
13. Sentido da colonização -----	44
13.1. Orgânico x inorgânico -----	45
14. Autor: Florestan Fernandes -----	46
14.1. Teoria da escravidão-----	49
15. O que é populismo? -----	51
15.1. Teoria do populismo -----	51
16. Conclusão -----	53
17. Bibliografia -----	54

INTRODUÇÃO

Os estudos realizados foram embasados na matéria do curso de Direito optativa de ELEMENTOS DA HISTÓRIA DO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO, na qual reúne todas as minhas anotações feitas em classe e aprofundadas em livros, pesquisas e consultas.

Com fim de tratar sobre os principais pensadores brasileiros que ajudam a nos contar sobre as épocas vividas de antigamente e o modo de pensar sobre alguns elementos no decorrer dos anos e décadas.

Sobre os pensadores brasileiros que irei comentar são eles: José Bonifácio, André Rebouças, Joaquim Nabuco, Visconde do Uruguai, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Alexis Tocqueville, Raymundo Faoro, Caio Prado Júnior.

A princípio irei apresentar sobre o modo de pensar de cada um destes pensadores, conforme a sua época vivida e mostrando sobre seus principais textos e trazendo algumas características que foram sendo trazidas com resquícios até os dias de hoje.

2 – Autor. José Bonifácio:

José Bonifácio é o primeiro dos pensadores, o Brasil é inaugurado como um país nessa geração. Todos os países têm certo ócio mítico. Exemplo: no início da Alemanha, eles se apresentam como um povo que existe desde o Império Romano. Cornélio Tácito escreveu um texto sobre os povos germanos. Ele descreve uma assembleia livre de guerreiros germanos, na qual o líder era vaiado, eles batiam as armas uma nas outras para aplaudir e “o elogio das armas é o seu pior consenso”. Desde 1700, os que defendiam a unificação cravaram o início da Alemanha lá no Império Romano (uma origem mítica que os Alemães escolheram para si). É uma ideia própria de liberdade aturar dos germanos, que os diferenciava de outros povos.

Os franceses teriam uma liberdade intelectual, fruto da civilização. Eles decidiram que seria melhor serem livres do que escravos. Os alemães nunca precisaram pensar nisso, porque já tinham uma liberdade natural.

Todos os países criaram para si uma origem mítica. Brasil: início com o descobrimento, sendo que a carta de Pero Vaz de Caminha ficou conhecida como certidão de nascimento do Brasil; Batalha de Guararapes (expulsão dos holandeses) e a construção mítica que o exército brasileiro usa. Isso também não é verdade, pois ocorreu em 1600, quando o Brasil ainda era território português. Usa-se para fortalecer a ideia do encontro das três raças.

Qual a origem real do Brasil? Surgiu com a independência. Aconteceu com as Revoluções Atlânticas, que foram movimentos revolucionários que tiveram início com a independência dos EUA em 1776, depois com a Revolução Francesa, Revolução do Haiti em 1804 (resultou na independência, abolição da escravidão e proclamação da república no Haiti), e todas as independências (do Canadá para baixo). A independência do Brasil foi como uma peça de dominó de várias peças que foram caindo.

José Bonifácio nasceu em Santos em uma família muito rica de comerciantes. Em geral, essas famílias são de ricos de portos e gente que compra, produz, armazena e vende. Como todo o rapaz rico de sua época, estuda com religiosos e franciscanos em São Paulo e com 20 anos é enviado para Coimbra. Formou-se em Direito, matemática e filosofia. Rapidamente vira um mineralogista, que era visto como ponta da ciência em Portugal e Espanha. É errado dizer que ele era alguém a frente de seu tempo, vez que era um típico iluminista.

O processo de independência do Brasil é vitorioso, pois quando olhamos para a América espanhola, vemos que o Brasil permaneceu unido como um país só. Isso se consolidou em 1848 com a caieira. Houve lutas muito fortes como a sabinada, cabanagem, farroupilha etc. Existe uma construção política e teórica para justificar que tudo deveria ser um país só. A constituição dos EUA é um acordo para manter todo o território unido.

2.1 - Ideias:

Manter a unidade da nação e a miscigenação. O Brasil não será um grande império se não houver miscigenação. É preciso fundir metal tão diverso. Ainda não é o tempo do racismo científico, mas já existia um racismo profundo. Considerava-se, então, a sua ideia muito exótica. Para que a miscigenação pudesse ocorrer, era preciso libertar os escravos. José Bonifácio dizia que era necessário acabar com o tráfico de escravos (ideia obtida 28 anos antes de efetivamente acabar), também era contrário ao latifúndio (ocasionando assim um grande choque contra os grandes proprietários e dos traficantes de escravos) e propunha que o parlamento já propusesse uma data para o fim da escravidão. Nessa época todo mundo era proprietário de escravos, inclusive ele. O projeto nem tramitou e foi engavetado, pois a proposta era muito radical para o período. Ele queria que os índios fossem integrados na sociedade branca e virassem camponeses. O núcleo é miscigenação, mas para fazer isso, tem que integrar índios e acabar com a escravidão;

Então “pretendia o nosso “Patriarca da Independência”, tal como todos os abolicionistas e bem antes dos outros, fazer a passagem do escravismo até sua abolição através do regime da lei.”. “Ainda que pareça inicialmente contraditório, é particularmente importante notar que, ao mesmo tempo em que José Bonifácio nega a escravidão como um direito, será uma importante voz a afirmar a necessidade de escrever a escravidão no corpo da Lei”.

Assim então ‘sugeriu que o processo de civilização dos índios deveria seguir quase os mesmos passos que deram os jesuítas nessa matéria, através da sua catequização e aldeamento. A ideia geral era que se montassem grupos de missionários que se embrenhassem nos interiores do país e ali montassem um ambiente preparado para esse trabalho de civilização dos índios. Esse projeto prescrevia a criação de um colégio de missionários, preparados para esse fim específico; o domínio político e policial dos missionários nas aldeias; o estímulo aos matrimônios entre índios e brancos; a construção de pequenos

presídios militares; a criação de gado e as culturas de gêneros de primeira necessidade, assim como os que possam servir para o comércio, como algodão, tabaco, mamona, café e cânhamo.

Como é dito em "*Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil*" de 1823 que foi uma das suas mais importantes obras literárias. Como irei mostrar um trecho a seguir em que ele cita o jeito de catequização dos jesuítas para com os índios:

*“A facilidade de domesticar era tão conhecida pelos missionários, que o Padre Nobrega, que com música e a harmonia das vozes se atrevia a trazer todos os gentios. [...] com o evangelho em uma mão e com presentes, paciência e bom modo tudo deles conseguiam.”*¹

E citando e dizendo também sobre o jeito e forma de como o índio poderia se comportar com os portugueses:

“Eu sei que é difícil adquirir sua confiança e amor, porque como já falei, eles nos odeiam, nos temem, podendo nos matar e nos devorar. E havemos de desculpa-los, porque com pretexto de fazermos cristãos, lhes temos feitos e fazemos muitas injustiças e crueldades.”

Ele também cita que os índios deveriam também gozar dos privilégios dos portugueses, então se questionando sobre a tal liberdade que de fato era uma mera ilusão, devido à “pobreza” que se encontravam e também devido a ignorância por falta de educação, dizendo que era impossível a catequização dos índios e a única maneira de fazer isso era através de imitar e aperfeiçoar os métodos usados pelos jesuítas e a maneira de se conseguir isso era dando liberdade, vestindo eles e de certa forma fazendo com que largassem sua cultura e vivessem sobre as leis e cultura dos portugueses, fazendo com que de certa forma acabassem com suas raízes culturais como na passagem a seguir :

‘Segundo nossas leis os índios deveriam gozar dos privilégios da raça Europeia, mas esse benefício tem sido ilusório, porque a pobreza em que se encontra a ignorância por falta de educação [...] as vexações continuas dos brancos os tornarão tão objetos e desprezíveis como os negros [...] nunca poderemos conseguir a catequização e civilização desses selvagens. É preciso, pois imitar e aperfeiçoar os métodos usados pelos jesuítas [...] e

¹ Bonifácio, José, apontamento para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil, 1823, p. 105.

como conseguiremos? Dando liberdade aos prisioneiros, vestindo-os, amimando-os e persuadindo-lhes a que viessem a viver debaixo das Santas Leis do Evangelho. ''²

A riqueza está na diversidade da natureza. Ele catalogava a diversidade do mundo. Destruir tudo para plantar uma coisa só era destruir a riqueza.

O projeto então derrotado pela elite local. Ele rompeu rápido com D. Pedro e passou para a oposição. A constituinte foi destruída por isso. Então o primeiro golpe de estado do Brasil se deu em função dessa ruptura. José Bonifácio usa a tutoria do filho, D. Pedro II, para voltar à política, mas a tutoria foi destruída. Ele vai então para uma ilha, onde permaneceu até o fim de sua vida e terminou derrotado. Porém, as suas ideias foram vitoriosas mais tarde e se transformaram em ideias basilares sobre a nossa compreensão do que é o Brasil.

José Bonifácio foi preso, após golpe de força da dissolução da Assembleia pelo imperador, por volta de 1823. Ele então foi condenado ao exílio partindo do Rio De Janeiro com destino a Havre, porém após um motim durante a viagem foram parar na Espanha, onde escapou graças ao cônsul da Inglaterra que o encontrou a bordo.

Após viver em exílio dos 61 aos 66 anos, após isso em 1829 é permitida sua volta ao Brasil, porém com sua volta o império era comandado por seus adversários e o cenário político não era dos melhores, afinal o imperador não se entendia com o Poder Legislativo, trazendo assim uma grande instabilidade para a para com a política e também para com a sociedade. Nomeado então por D. Pedro I (que até então tinha abdicado do trono) para ser tutor de seu filho de cinco anos (futuro D. Pedro II) e com o passar dos anos foi novamente se tornando alvo e suspeito do governo, obtendo então novo mandato de prisão, fazendo com que passasse o resto da sua vida em reclusão, após largar a política. Vindo a falecer por volta de dos seus 75 anos de idade.

² Bonifácio, José, apontamento para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil, 1823, p. 106 e 107.

3 – Autor. André Rebouças:

Foi um dos mais importantes líderes do movimento abolicionista brasileiro; ele nasceu em 14 de janeiro de 1838, filho de Antônio Pereira Rebouças.

Antônio Rebouças foi um grande civilista do Brasil do século XIX, sendo este filho de português com uma mulher negra livre e trabalhando como comerciante (como seu pai, avô de André Rebouças), tendo, portanto, dinheiro. Antônio foi grande participante da Sabinada, em 1838 na Bahia, como repressor desse movimento. Depois se tornou deputado quando no Rio de Janeiro e não defendia o fim da escravidão, apesar de ser homem negro, vez que defendia o direito à propriedade. Depois Antônio tornou-se advogado e civilista. Mandou seus filhos pra a França para estudar engenharia.

Após o período em que viveu na França, André Rebouças e seu irmão retornaram ao Brasil (1860) no período de crescimento econômico no Império, vez que em 1850 havia ocorrido o acontecimento do fim do tráfico de escravos. O Brasil se encontrava em obras e os irmãos Rebouças passaram a aplicar o conhecimento adquirido no período em que viveram na Europa.

Em meados dos anos de 1865 e 1866 ele foi para Nova York, onde o hotel em que se hospedaria o rejeitou por ser negro, fazendo, então, um acordo de se hospedar, porém não frequentar as áreas comuns do hotel em Nova York. Passou a fazer declarações contra a escravidão, momento em que foi acusado de ter escravos, ocasionando assim o livramento dos seus.

Em 1868 se lançou na campanha abolicionista do Brasil, em que obteve uma campanha dura, pois os escravistas resistiram até o fim, oportunidade em que se juntou a Joaquim Nabuco (um homem branco e que iremos falar a seguir).

Em 1883 (cinco anos antes da abolição da escravidão) publicou “Agricultura Nacional: estudos econômicos” e seu colega Joaquim Nabuco publicou “O abolicionismo”. As ideias basilares do livro de Nabuco eram de que a escravidão não é um quisto, não é só um modelo econômico total, mas a sociedade brasileira foi degenerada pela escravidão, ela se encontra em todos os aspectos dessa sociedade, em todas as relações, constatando que o fim da escravidão não acaba com suas consequências. Ainda, sua (Joaquim Nabuco) preocupação principal era de cunho moral, com tons católico e ciceroniano. Por sua vez, as ideias principais de Rebouças em seu livro também circulavam em torno da concepção de que os

problemas da escravidão não acabariam com o fim desta, mas aplicava um tom econômico, não moral, sendo seu livro um programa econômico para o Brasil em que pregava o fim da escravidão e do latifúndio (que é escravizado por sua natureza), uma “democracia rural”, propondo que todas as terras que beiravam estradas e vias devessem ser expropriadas e aquelas que fossem públicas deveriam ser divididas em pequenos lotes e dadas a camponeses pobres e escravos libertos, bem como deveriam incidir altos impostos sobre as grandes terras com o intuito de fazer com que seus donos fracionassem e vendessem/expropriassem as terras. Tinha o fim de formar comunidades agrárias, políticas (associando-se os novos proprietários) e econômicas (comunidades produzem e possuem centros que “industrializam” o bem).

André Rebouças e Joaquim Nabuco eram fortes defensores do regime monárquico, e com o passar do tempo Joaquim Nabuco tornou-se a favor da República e diplomata nos EUA.

Antes mesmo de sua viagem a Europa e também aos EUA, André Rebouças já se pronunciava a favor da abolição da escravatura. Integrando assim a campanha com seu amigo Nabuco e também entre outros abolicionistas, fundando e participando de diversas sociedades. Tomando enorme tamanho do povo e conquistando assim em 1888. Sentindo que a libertação de escravos era um prenúncio da República. Após a proclamação ele embarca então para Portugal com a família real, ele muito elogiado pelo Imperador, após este citar seus amigos fiéis. Após isso viaja para a França, mantendo contato através de cartas, com o passar do tempo viaja a África, desesperando-se com a fome e miséria que ali se encontrava. Transferindo-se depois disso para a Ilha da Madeira aonde começa a ministrar suas aulas. Por volta de 1896 recebe o convite de Taunay para retornar ao Brasil e reassumir o cargo como professor, porém recusa, pois havia muitas lembranças ruins e desagradáveis. Vindo morrer por volta do ano de 1898.

As suas relações com seus companheiros do abolicionismo e de sua militância reformadora, reunidos pelo exílio europeu: divergente de suas escolhas partidárias, mas também unido a sua lealdade a D. Pedro II. Isso tudo é feito sobre um ponto de partida para um grande estudo de Maria Alice Rezende De Carvalho, que focada na trajetória de André Rebouças, nos convidou a refletir sobre o pensador brasileiro. Reflexão essa pelo seu legado que na forma de “pensar” e “reformular” o Brasil, como o trágico e fim reservado de alguns pensadores como o próprio Rebouças que se suicidou.

Uma forte corrente de ideias que animaram o Brasil naquele período, sendo os liberais reformadores se mantinham fiéis á monarquia uma forma de caminho para suas “reformas liberais”. A República para eles e também para alguns outros intelectuais monárquicos era o resultado e o conjunto dos escravocratas, que até então estavam descontentes com a Abolição e com o militarismo, fazendo com que nos afastasse da Europa e da Civilização. Muitas obras de Rebouças foram divulgadas em revistas ou de temas técnicos ligados a engenharia e agricultura, fazendo com que o esforço em legitimar seus argumentos na linguagem da ciência e também da técnica não ajuda muito, sendo difícil tarefa de aproximar com seu leitor. Fazendo ressaltar a profunda imersão nos problemas de seu tempo. Mostrando um obstáculo, que é o monopólio das terras com a construção de um capitalismo mais dinâmico e com sua democracia sendo mais autêntica. A autora continua dizendo e mostrando outra vertente de Rebouças que é as trajetórias profissionais dele que é ligada a engenharia tanto civil como militar, sendo assim uma forma estratégica e bastante importante para sua formação e sua colocação no meio social. Sem contar uma tensão que era bem notada devido ao fato da questão racial e ao mesmo tempo uma posição excêntrica de Rebouças que havia certa cultura e intelectualidade, sendo negro e ainda numa sociedade escravista. Obra na qual Maria Alice descreve também:

‘‘A verdade é que, dentre os muitos méritos desse fascinante trabalho, conta-se o de transmitir ao leitor de hoje o interesse pelas profundas ambiguidades de sua personagem: um homem de formação militar; um intelectual negro apaixonado pela cultura yankee; um filho-família que rejeita a carreira política; uma biografia de positivista que floresce como expoente liberal; um cultor do livre-cambismo e admirador das duas mais importantes vias de desenvolvimento através do protecionismo no século XIX (os EUA e a Alemanha), apaixonado pela ópera, que vive como celibatário e termina trágica e solitariamente seus dias no fundo de um penhasco na Ilha da Madeira.’’³

Então fechando e dizendo que André Rebouças deixou um grande legado, no qual deixava muito claro seu inconformismo com as desigualdades sociais, combatendo as oligarquias, á miséria e a exclusão social (que se pararmos para pensar são coisas que combatemos até nos dias de hoje todos os dias, o combate contra a desigualdade e a exclusão social de algumas pessoas).

³ O quinto século. André Rebouças e a construção do Brasil, de Maria Alice Rezende de Carvalho. 1998. Editora Revan. pags.173 e 174

4 - Autor. Joaquim Nabuco

Nascido em 19 de agosto de 1849 em Salvador, Bahia.

Se encontrava sempre adiantado a sua época, inclusive se antecipando ao futuro, mesmo através da enorme transição que ocorreu entre o Império para a República.

Em um de seus livros ele cita que existe dois polo, tipos opostos que no final das contas acabavam sendo a mesma coisa e no final das contas acabavam se tornado produto, essa comparação é feita sobre um sistema de escravidão, entre o escravo e o seu senhor.

Dizia também em seu livro *O abolicionismo* que os negros eram cativos e também excluídos da sociedade, fazendo com que assim não tivessem a oportunidade e não tinham a possibilidade de reconstruir e também ter uma oportunidade de cultivar os seus próprios interesses, sendo assim havia aí uma breve contradição entre o capitalismo e a escravidão.

Essa escravidão que por sua vez respingava sobre as mais variadas situações da vida nacional, como a desvalorização do trabalho, ocorrendo assim pressionando as mazelas da cidadania e fazendo com que houvesse uma certa demora no processo brasileiro.

Adepto não somente ir ao pé das leis para acabar com isso, mas também que houvesse uma forma de adaptar e também complementar essa abolição com grandes reformas nas camadas sociais e também de política, para assim então poder democratizar as estruturas agrárias, educação a todos, proteções trabalhistas coisas que você vendo assim até parece coisas do futuro, por isso ele muito lembrando por esses seus pensamentos futuros que também dizia “não basta acabar com a escravidão: é preciso destruir a obra da escravidão”.

Nabuco também comentava sobre as decisões tomada através do Império referente ao tráfico de escravos até 1850. Tratando assim um forte debate sobre esses limites e sobre proteção internacional dos direitos humanos (coisa que iria bem além de sua época).

Sugerindo assim, que não houvesse conflitos entre o bem-estar dos interesses dos povos com o interesse nacional, isso de fato seria na então na visão de Nabuco o verdadeiro patriotismo.

Chegando no século xx o patriotismo vale se dizer que a nossa identidade brasileira já vem com uma fusão da Europa, como mencionado em “*Minha formação*” Nós pertencíamos a América pelo sedimento novo do seu espírito” e à Europa, por seus “estamentos estratificados”, o que ele quer dizer com isso? Que ambas juntas constituem nossa identidade, e se fosse separados uma da outra não faria muito sentido, ocasionando uma falta.

Sendo assim Nabuco lutava contra o fim da escravidão como uma luta pela cidadania, afim de buscar a igualdade entre raças e acabar com os resquícios ocasionados com a abolição.

Em “*massangana*” o autor Nabuco se deixa levar que apesar da relação escravo e senhor que muitas vezes era cruel ele conseguiu mostrar o lado inverso em que os escravos demonstram seu afeto e seu lado de amor com seus senhores, como se eles não fossem cruéis como no texto abaixo:

Espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade [...] insuflou-lhe uma alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte [...] Quanto a mim, absorvi-a leite preto que me amamentou; ela envolveu-me como uma carícia muda toda a minha infância; aspirei-a dedicação de velhos servidores que me reputavam herdeiro presuntivo do pequeno domínio de que faziam parte... Entre mim e eles deve ter se dado uma troca contínua de simpatia, de que resultou a terna e reconhecida simpatia que vim a ter pelo seu papel.⁴

O mais curioso que essas palavras vieram simplesmente da pessoa que foi a mais crítica sobre o tema da escravidão, a ponto de chegar a minimizar em suas reflexões as formas de governo da época e mostrando um maior apreço pelo sistema de dominação: que não no século XIX não era Monarquia e República e sim entre a Escravatura e Abolição.

Anos mais tarde Luiz Meyer em seu livro “*Rumor na escuta*” desvenda esse mistério relacionamento entre Nabuco e sua madrinha, ele por sinal foi criado por ela até seus oito anos de idade, após 12 anos ele se reencontra em um engenho que pouco tinha haver com aquele em que viveu, causando assim um encontro bastante sentimental escrevendo assim então sobre o falecimento de sua protetora como veremos abaixo:

O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança, esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber [...]. Os primeiros oito anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva... [...] só eles conservam a nossa primeira sensibilidade apagada... Eles são, por assim dizer, as

⁴ Nabuco, Joaquim Edição antiga - Minha Formação, 2015 - Col. Saraiva de Bolso. p.63

*cordas soltas, mas ainda vibrantes, de um instrumento que não existe mais em nós [...] Meus moldes de ideias e sentimentos datam quase toda desta época.*⁵

Através de um fato que também ocorreu com Nabuco foi o grande estopim para ele adotar até o final a luta contra a extinção da escravidão em que foi movido através da compaixão:

*Eu estava em uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de seus dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar da dor que ela ocultava.*⁶

Apesar disso tudo e de seu lado extremamente abolicionista, também ao mesmo ele se mantinha conduta aristocrática, por se encontrar em movimentos políticos e não querendo perder seus valores e também não deixar suas posições que eram contrárias à época ao interesse social maior, por isso muitas vezes isso soava de forma ambígua.

⁵ Nabuco, Joaquim Edição antiga - Minha Formação, 2015 - Col. Saraiva de Bolso. p.159-161

⁶ Nabuco, Joaquim Edição antiga - Minha Formação, 2015 - Col. Saraiva de Bolso. p. 162

5 - Autor. Visconde do Uruguai:

Paulino José Soares de Sousa como é seu nome de origem, nasceu em 4 de outubro de 1867, em Paris na França.

Que apesar do lugar aonde nasceu foi um grande político brasileiro do partido conservador. Foi autor de grandes livros em destaque “Ensaio sobre o Direito Administrativo”. Ele inaugurou corrente de pensamento conservador; em que foi inserido na década de 1860, no período do Império.

Seu livro consta como um balanço do Império, fornecendo teoria sobre o Brasil e sua história, o Direito Administrativo veio para o Brasil no século XIX. Citando em sua viagem para a Europa, tamanha a impressão que ali esteve sobre as grandes nações que eram Inglaterra e França, trazendo resultados práticos e também palpáveis a sua administração. Trazendo ali uma tamanha ordem e regularidade, quer na parte pública como também na parte que era dirigida por companhias particulares.

Como pode ser notado em seu preâmbulo sobre o porquê e com que fim escreveu este ensaio como podemos notar nas seguintes fala:

“Convenci-me ainda mais de que se as liberdades políticas são essenciais para a felicidade de uma nação, boas instituições administrativas apropriadas às suas circunstâncias, e convenientemente desenvolvidas. [...] O que tive ocasião de observar e estudar e produzir uma grande revolução nas minhas ideias e o modo de encarar as coisas. E se quando parti cansado e aborrecido das nossas lutas políticas pessoais, pouco confiados nos resultados da política que acabava de ser inaugurada, regressei ainda mais firmemente e resolvido”⁷

Outro fator de bastante importância não somente pela parte teórica da pesquisa, como também a sua vasta experiência nos seus trinta anos de função pública. Ele não mostra somente com ponto de vista crítico, também não somente ponto de vista teórico bem fundamenta, mas mostra como funciona a parte da burocracia imperial, as relações com a população, seu território, seus conflitos com a política. Resumindo é uma obra que mistura tanto o lado teórico como também o lado da prática sobre a administração no território Brasileiro.

⁷ Soares De Souza Paulino José, Ensaio sobre o Direito Administrativo. – Typographia Nacional: Rio de Janeiro, 1862.

Fator bastante marcante no período de Visconde havia o debate entre “centralização” e “descentralização”. Ele deixava bem claro o lado positivo dessa centralização, embora em sua tese defendesse que o melhor sistema fosse o de descentralização administrativa com a centralização política. Enfatizando e dando importância também para os modos e costumes do povo para com essas organizações.

*“Uma influência eleitoral quer segurar a sua dominação e enfraquecer o adversário. Convém-lhe adquirir uma freguesia com cujos votos contam, e passar para um município ou freguesia vizinha indivíduos com cujo auxílio se avanteja o adversário, o qual ficará inutilizado com a nova divisão. Dispõe de votos suficientes na Assembleia Provincial, em troca de votos dados a candidatos. Promove uma nova divisão territorial, ou a conveniente modificação na existente. Lá vão, de envolta, os cidadãos indiferentes a essas lutas de influência, para onde não querem, não lhes convém e não devem ir.”*⁸

O texto acima se refere na visão de sobre o estado social brasileiro, sendo uma população incapaz de participar do governo, fazendo com que os votos não seguissem por princípios ou algum interesse, mas sim sobre troca de favores.

No trecho abaixo ele mostra essa imagem que ele tinha sobre esse momento de conflito na política brasileira:

*“Entre nós acontece o mesmo com a diferença de que na Inglaterra e nos Estados Unidos são esses fatos considerados como resultados de uma triste e indeclinável necessidade do sistema, que não pode ter só lados bons. Resignam-se, não fazem hipocritamente escândalo, e apenas se ocupam de um [ou] outro caso inquinado de ilegalidade ou notória corrupção. Entre nós cada um faz o que pode, mas não quer que seu adversário faça o mesmo. Uma grande parte do tempo das Câmaras gasta-se em exhibir ao público, e em sujar ainda mais a roupa suja eleitoral e parlamentar. É quase permanente o escândalo; e desmoraliza publicamente. [...] O patronato inglês é mais largo, menos pessoal, e, portanto, menos prejudicial que o nosso. [...]”*⁹

Visconde então revela que o quão era despreparado o povo para exercer a administração, no qual era para ser despreendida e desconecta da política. Sendo um grande

⁸ Soares De Souza Paulino José, Ensaio sobre o Direito Administrativo. – Typographia Nacional: Rio de Janeiro, 1862. p.119

⁹ VISCONDE DO URUGUAI, op. cit, p. 228-229 nota de rodapé do autor 120.

conhecedor com grande embasamento sobre a prática dando na área administrativa como política do Brasil.

Para termos uma contextualização histórica: em 1823 houve a dissolução do parlamento, em 1826 teve a volta do parlamento de oposição a D. Pedro; em 1831 houve a abdicação de D. Pedro, deixando o infante D. Pedro II; até o ano de 1841 foi o período da Regência, pois D. Pedro II era uma criança, sendo o poder exercido pelo parlamento, oportunidade em que ocorreram as revoltas regenciais, separatistas (cabanagem, sabinada, farroupilha, Balaiada); antes, no ano de 1836, ocorreu o regresso conservador, em que aqueles que derrubaram D. Pedro se separaram em uma parcela (correspondente a mais ou menos 60% deles) de conservadores que queriam acabar com o federalismo e a autonomia dos estados e diminuir o poder do júri (que julgava todo e qualquer crime) e dos juizes de paz, ampliando os poderes da Corte, enquanto a outra parcela era de liberais que se aproximaram de D. Pedro II de 14 anos e realizaram o golpe da maioria em 1841 (assume D. Pedro II menor de idade).

Por sua vez, Visconde do Uruguai criou a primeira teoria do Brasil nesse contexto. Enfatizou que os regressistas (a parcela de 60% correspondente aos conservadores) estavam “menos errados” em querer conter a revolução.

O Brasil tornou-se então independente, mas se baseou em uma unidade precária, separada em regiões.

As suas teorias conservadoras eram boas, porém a situação fática social brasileira não era capaz de sustentá-las. Visconde do Uruguai defendia que era necessário criar uma teoria, um modelo de Estado exclusivo para o Brasil, mesmo que este fosse teoricamente pior que os modelos de outros países (pois eram utopias para o Brasil), mas que fosse uma razão, um produto da realidade brasileira. Um modelo de administração pública cujo objetivo é fazer a nação como um todo prevalecer nas regiões brasileiras, na identidade brasileira, não cada região ser sua própria realidade isolada (por essa razão defendia a redução do federalismo e da democracia direta, para que no futuro o ideal liberal pudesse florescer melhor).

Sendo assim, “o poder central é visto como um agente capaz de implementar políticas assentadas no interesse nacional. A organização descentralizada, ou federalista, seria um modelo que permitiria a irrupção de políticas particularistas.”

“O pensamento político liberal no Brasil efetuava um diagnóstico da sociedade brasileira na qual esta era descrita como clânica, parental e autoritária. Em consequência, um

sistema liberal não apresentaria um desempenho apropriado, sendo necessário um sistema político autoritário para que se pudesse construir uma sociedade Liberal”.

6 - Racismo científico:

As nações foram criadas com base em narrativas fictícias:

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838, pretendia criar uma nação unificada, com uma só língua, uma religião, apenas uma narrativa brasileira, o que era praticamente impossível em razão do tamanho do território brasileiro e a diversidade racial.

O IHGB criou um concurso para escolher quem efetuariam a narrativa brasileira. Varnhagen veio com o discurso de que o povo brasileiro eram os brancos. Von Martius, por sua vez, dizia que o Brasil era formado pela miscigenação das três raças, formando uma nova, a portuguesa, por ser superior, genotipicamente mais forte. Gonçalves de Magalhães dizia que os brasileiros eram os brancos e os índios, juntamente com seus mestiços, mas não os negros, que eram escravos. Escreveu, ainda, um poema para ser algo como “Os Lusíadas” é para Portugal. Tal poema, segundo Alexandre Herculano, consultado pelo Imperador, era ruim, então José de Alencar desenvolveu “O Guarani”, que se tornou um romance de formação do Brasil, sob encomenda do Estado.

Em 1870 desembarcou no Brasil o racismo científico. Antes existia a ideia de que os negros eram uma cultura inferior, mas não se falava da intelectualidade. O racismo científico veio para tentar provar que algumas raças são intelectualmente inferiores.

Voltaire, pertencente ao Iluminismo, foi um dos primeiros a fomentar esse pensamento ao dizer que o ser humano não veio de uma só matriz, implantou a ideia de poligenia. Anos depois, os integrantes do racismo científico tentaram (e tentam) provar esta ideia com o método desenvolvido para isto chamado teste de QI (E. Morton, pesando crânios, criou uma escala de capacidade cúbica dos crânios das raças). Aqui este pensamento ganhou o status de ciência.

Já no racismo científico, o mestiço não é nem raça, é um degenerado. Concluiu-se que o brasileiro é um mestiço de índio e branco, portanto um degenerado e inferior, sendo assim, a intelectualidade brasileira se dividiu em: grupo a favor de não eleger um povo para o Brasil, devendo ser uma “nação sem povo”; grupo da teoria do branqueamento (mesma crença de Von Martius), segundo a qual se deveria deixar ocorrer a miscigenação, pois a raça branca, superior, prevaleceria.

7 – Autor. Gilberto Freyre (aspecto pessoal):

Gilberto Freyre nasceu em 1900 na data de 15 de março, em Recife, Pernambuco, em uma família rica que acabou por empobrecer. Estudou em Columbia com Franz Boas.

Anos depois tinha posição de poder em Columbia, era uma pessoa que combatia a corrente do racismo científico, época em que surgiu um movimento de direitos civis (e negro) nos EUA.

No nosso ambiente nacional, acontecia a fase modernista brasileira. O modernismo conteve: semana de arte moderna em 1922; movimento que contesta tudo o que tinha sido feito no Brasil até então; centenário da independência e fundado o partido comunista em 1922.

Os discursos que desconsidera o racismo científico: discurso sobre quem é o brasileiro. Modernistas tentam responder através de suas artes, criando arte de origem brasileira para conceituar o povo brasileiro. Chegaram à resposta de que é o mestiço (geralmente negro).

Gilberto Freyre chegou ao Brasil em um contexto de criação do modernismo regional e sempre se posiciona contra, irritando Mário de Andrade.

Lima Barreto (escritor) e Almeida Júnior (pintor): escolhidos como pré-modernistas. Modernistas refutaram tudo o que veio antes, menos eles, diziam que a arte anterior era mimética, imitação, cópia da arte estrangeira (na pintura, literatura etc.). Diziam também que não se tem um país sem uma arte nacional (premissa principal do modernismo, que originou as vertentes sobre como cria-lo).

Por outro lado a corrente oswaldiana (Oswald de Andrade): ideia de que a construção da arte nacional virá do choque entre cultura brasileira e cultura estrangeira. A brasileira “deglutirá” a estrangeira, absorvendo sua força e transformando-se.

7.1- Contexto pré Gilberto Freyre:

O racismo científico chega no Brasil na década de 1870.

1933: Gilberto Freyre escreveu “Casa grande e senzala” obra na qual iremos dar um foque maior devido a sua extrema importância cultural e histórica, que irá dizer sobre a ótica de Gilberto Freyre a ligação entre o senhor e seu escravo.

O ambiente internacional: há movimento contrário ao racismo científico nos EUA desde 1903, apesar de ter sido sede da criação dessa corrente.

Gilberto Freyre se formou em Columbia com Franz Boas. Com Marinovski “criou” a antropologia. Antes só havia a antropologia evolucionista, apagada pelo racismo científico. Boas e Marinovski diziam que usar o “nós” como parâmetro é um erro, pois os alvos do racismo científico não são o “nós” ontem, menos evoluídos, e nem outro bicho. Eles partiam do princípio de que não é outro bicho, mas, sim um indivíduo pertencente a um mundo inteiramente diferente, outra cultura, tudo absolutamente diferente e impassível de comparação. Essa vertente chama-se “relativismo cultural”. Diziam que havia duas opções: nem tentar entende-los por serem incompreensíveis por nossos parâmetros; abandonar todos os referentes que tínhamos para tentar entendê-los (criação do trabalho de campo).

O que fazia com que os povos fossem tão diferentes, para eles, era a cultura, não algo presente no corpo, como o crânio ou o cérebro. Há uma diferença de valoração de elementos.

7.2 - Corrente do não contato:

Essa corrente era de Mário de Andrade: já existe cultura brasileira formada por uma lenta destilação e marcada por um uso potente da língua (ideia vinda do romantismo alemão com relação a sua língua) pelo povo. A tarefa dos intelectuais, para ele, é revelar essa cultura já existente, uma verdade já existente, não criar. Mário era um católico fervoroso, o que influenciou seu pensamento sobre o que é o Brasil. Acreditava que o Brasil é fruto do cristianismo ibérico, sendo os portugueses católicos os mais cultos para ele.

Por outro lado aqui, o Brasil criou um “acento católico” (não uma religião) em decorrência de sua plasticidade.

Gilberto Freyre desembarcou com uma terceira corrente: já existe uma cultura brasileira, mas esta teve um lugar onde foi feita sua base, no litoral do nordeste, o “nordeste açucareiro”, sendo absorvida pelo resto do país em graus variados. Os intelectuais deveriam terminar esse processo de adesão. Essa formação cultural teria ocorrido na colônia, já se enfraquecendo durante o Império.

Os modernistas deixam de lado a visão de degenerado que se tinha do mestiço e passam a defini-lo como o povo brasileiro (para Oswald, Mário e Freyre, este último incentivando obras que prioriza o mestiço), ambientações que permitiram a obra de Freyre: obra de Boas (do boasianismo) e o modernismo.

Defendendo assim que o mestiço não é uma barbárie como os outros diziam a respeito. O movimento realista (antes do modernismo) já desmistificava essa ideia. Tentavam identificar os tipos (como o negro, que se encontrava em x lugar), tipos determinados pela ciência, com suas limitações ditadas pelo racismo científico. Sendo Antônio Cândido: fundamental na crítica para elevação de alguns a patamares altos.

7.3 - Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala):

É o livro mais influente da cultura brasileira, por se tratar de uma forma de romper com os preconceitos sobre as “raças inferiores” como muitos diziam e com isso obteve um processo de cultural, explicado assim como uma forma raiz de explicar os padrões sociais que seriam a chave para a maneira de explicar o nosso Brasil.

Tem como principal objetivo afirmar a tese de que o brasileiro é fruto do encontro das três raças (brancos que são os senhores portugueses, que trazem uma maneira nobre, porém quando chega ao Brasil, chega de uma maneira como ele diz “cores quentes da África”, depois vem o indígena em que ele diz que serviam como coletores das coisas e sua contribuição foi bastante importante, tendo em vista o contato já com cultivo das plantas e também da parte de domesticação, dizendo que foi até mais importante do que os africanos e por último o negro, que tinha uma visão de força braçal entre servir também seus senhores).

Casa grande e senzala volta a tratar sobre latifúndio e a escravidão ali presente, sendo de fato os pilares da ordem de uma sociedade escravocrata. Sendo assim, é um ensaio (modelo em que já se tem uma ideia que se quer sustentar), não sendo só opinativo, mas

relativamente científico (sociológico). Estruturado em torno do que são as três raças e uma teoria sobre o que aconteceu com esse encontro.

O alicerce é uma caracterização do português (de Portugal), sendo até utilizada pelos portugueses para se definirem, em sua caracterização: muitos povos europeus se lançaram na aventura da colonização, mas o português foi o povo mais “vocacionado”, eficaz para a colonização, porque a península ibérica foi ocupada pelo povo não branco. Quer dizer que os portugueses estabeleceram dominação sobre os índios sem uma ideia absoluta, mas sabendo que poderia ocorrer o contrário (o que não implica humanitarismo). Essa premissa não pressupõe que o português não considere sua cultura superior, mas que não torna o dominado impotente para dominar.

Sendo assim o tipo de exploração era de cunho econômico, não a fim de transplantar a vida portuguesa para o Brasil. Era uma colônia de exploração, mas com ocupação do território e estabelecimento de relações sexuais com as índias para o seu povoamento.

É também uma pré-disposição cultural portuguesa. “O português é um ser superexcitado sexual”, segundo Freyre. Teria encontrado a companheira perfeita na mulher índia e uma companheira mais que perfeita na mulher negra. Elas que mobilizavam essa “super excitação”. Dizia que essa atração era correspondida por elas, que estariam predispostas a uma atividade sexual. Fazendo com que muitas vezes essa junção dos personagens tanto o português com a mulher negra e altamente sexual um método de estrutura imaginária e também idealizada da coisa. Como se dizia que esse português tem gosto por mando (o que aparece na relação com o escravo), fazendo com que a mulher negra gostasse dessa maneira de tratamento, menos gosto pelo igualitarismo, Sendo então desde pequenos ensinados a gostar de mandar. Esse gosto teria ajudado na construção desse aspecto sexual do português, esse sadismo com a mulher negra (que teria prazer nessa submissão, masoquismo).

O livro de Gilberto Freyre ganha muito força e importância também pelo fato de ser bem simplificado e minimamente contado em seus detalhes, maneira na qual Freyre gostava de tratar as coisas, nos mínimos detalhes e também a grande importância vem do fato de que ele gostava de contar sobre fatos do cotidiano, incorporando sua sociologia da época não somente tratando das coisas da vida pública ou das formas sociais que ali eram definidas (como as causas latifundiárias, papel do escravo e seu senhor de engenho), mas também sobre a perspectiva da vida privada.

O que pra época não era feito, sendo assim de grande espanto, por mais que hoje em dia ninguém se espante com esse tipo de coisa sobre a vida cotidiana do passado. Porém conta nos mínimos detalhes como descreve a cozinha, gostos alimentares, arquitetura e também como dito a cima sobre a vida extremamente privada e sexual que até então era inusitada, desvendando assim o grande enredo do problema humano ali existente.

Uma das coisas extraídas de *Casa grande e Senzala* ao meu ver de bastante importância é a forma que a língua portuguesa (do português de Portugal) com as ditas aqui nas nossas terras brasileiras sofreram de certa forma uma suavização, criando assim uma mistura até mesmo com o português falado na senzala , criando assim uma maneira equilibrada que foi fundida e de certa espontaneidade, que se foi enriquecendo através de sua variedade que foi sofrida com o passar do tempo e que hoje em dia tem se bastante diferença com português de Portugal, criando assim através de uma mistura uma nova língua portuguesa, como Gilberto Freyre cita :

“A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza de antagonismos equilibrados [...].

*Não que nos brasileiro subsistam, como no anglo-americano, duas metades inimigas: a branca e a preta, o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizastes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando no completarmos num todo, não será com sacrifício de um elemento a outro. ”*¹⁰

Com isso Casa grande e senzala foca em fragmentar e mostrar e montar uma base para entendermos algumas partes da sociedade e da sua história, mas em momento algum ele busca uma explicação total e global sobre o assunto.

Chegou-se à conclusão de que não existe branco no Brasil, Freyre dizia que o povo brasileiro é mestiço, inclusive a elite, justamente pelo fato de que os próprios portugueses devido as suas cruzadas já sofriam de suas transformações, chegando ao Brasil não de uma maneira “pura” e não da forma mais essencial e pura como os europeus Ibéricos.

Como diz a ponto de acrescentar dimensões culturais dizendo em que os portugueses já traziam traços mais amorenados, como também já se misturava os traços

¹⁰ Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 48.

culturais que se foram absorvidas pelas as expedições e ocupações árabes se denominando assim os “moçárabes” como no texto a seguir:

O que se sente em todo este desadorno de antagonismos são duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram e se hostilizam.

Com isso ele nunca se diz como “democracia racial”, mas sim ele procura esse equilíbrio mesmo nas oposições se que encontram e também devido ao fato de o nosso país já vir de uma certa maneira com a “junção de todos os povos” e esse intercâmbio cultural que assim foi feito e basicamente houve uma “recriação da América”.

Vale lembrar também que Freyre viu no contato dos portugueses com os indígenas um antagonismo entre uma sociedade mais desenvolvida de uma cultura atrasada, ocasionando assim uma destruição de equilíbrio de relações tendo em vista que se é colocada influências desagregadoras com as tentativas de os portugueses e os jesuítas como uma maneira de implantar e tentar fazer com que houvesse uma europeização ao imperialismo burguês europeu sobre as raças indígenas como é visto a seguir:

*“O imperialismo português – o religioso dos padres, o econômico dos colonos- se desde o primeiro contato com a cultura indígena feriu-a de morte, não foi para abatê-las de repente, com a mesma fúria dos ingleses na America do Norte. Deu-lhe tempo para perpetuar-se em várias sobrevivências úteis. ”*¹¹

Ressaltando também que apesar dos maus-tratos feitos pelos portugueses, enquanto aos poucos era desagregada e destruída dizia-se que ao mesmo seria relativamente “preservada”, com a cultura sendo mantida, porém sofrendo modificações por consequência desta miscigenação como é mostrado no texto abaixo:

“Nem as relações sociais entre as duas raças, a conquistadora e a indígena, aguçaram-se nunca na antipatia ou no ódio cujo ranger, tão adstringente, chega-nos aos ouvidos de todos os países de colonização anglo-saxônica e protestante. Suavizou-as aqui o

¹¹ Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 231.

*óleo lubrifico da profunda miscigenação. Quer a livre e danada, quer a regular e cristã sob a benção dos padres e pelo incitamento da Igreja e do Estado. ’’*¹²

Por se tratar de algo próximo da emoção que é bem dissolvida pelo texto de Gilberto Freyre os pensadores mais democráticos do passado como Sérgio Buarque de Holanda (que falaremos a seguir) ou Florestan Fernandes farão certas críticas referidas a isso, devido ao fato de a “cultura nacional” estar ligada mais próxima da emoção do que a própria razão.

Já sobre os colonos portugueses, que se interessavam pelas mulheres indígenas em tê-los, ele meio que se contradiz falando que foi repartida a responsabilidade por formas de segregação da cultura e da moral dos indígenas como expressado no texto abaixo:

*“Os colonos e não os jesuítas terão sido em grande número de casos, os principais agentes disgênicos entre os indígenas: os que lhes alteraram o sistema de alimentação e de trabalhos, perturbando-lhes o metabolismo; os que lhes comunicaram o uso da aguardente de cana. ’’*¹³

E para finalizar em seus últimos capítulos trata de falar sobre os negros e foca em desmentir aquilo que foi dito sobre algumas hipóteses de inferiorizar eles, como por exemplo quando se tratado de medições do peso, ou da estrutura do cérebro e do regime alimentado adotado e também até sobre referências climáticas dos comportamentos africanos, fato é que ele dominava a literatura antropológica como a própria antropologia física.

“Dentro da orientação e dos propósitos deste ensaio, interessam-nos menos as diferenças de antropologia física (que a nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transportadas dos termos de hereditariedade de família para os de raça) que as de antropologia cultural e de história social africana.”

Feita essas ressalvas ele volta e retoma sua tese principal, buscando apoio em Nabuco dizendo que não se pode com certeza absoluta dizer se os negros tiveram contribuição tanto positiva como negativa, para nossa formação e dividindo o lado escravo do lado de sua condição social:

[...] uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo[...] Sempre que consideramos a

¹² Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 131.

¹³ Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 180.

influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro em si, que apreciamos. [...] O negro nos aparece no Brasil, através de toda nossa vida social colonial e da nossa primeira fase da vida independente, deformado pela escravidão. Pela escravidão e pela monocultura. ’’¹⁴

Como forma menos deploráveis para os negros e mulatos no período do Brasil patriarcal ele ainda diz:

“[...] muito menino brasileiro deve ter dito por seu primeiro herói, não nenhum médico, oficial de marinha ou bacharel branco, mas um escravo acrobata que viu executando piruetas difíceis nos circos. [...] E felizes dos meninos que aprenderam a ler e escrever com professores negros, doces e bons. Devem ter sofrido menos que os outros alunos de padres, frades, “professores pecuniários”, mestres régios[...].”¹⁵

E mesmo após tudo isso acaba dizendo e terminando seu livro demonstrando algumas posições preconceituosas e dizendo sobre com saudades e mero entusiasmo sobre “a atividade patriarcal dos padres”.

“[...] contribuição de um elemento social e eugenicamente superior. Homens das melhores famílias e da mais alta capacidade intelectual. Indivíduos educados e alimentados como nenhuma outra classe, em geral transmitiram aos descendentes brancos, e mesmo mestiço, essa superioridade ancestral e de vantagens sociais. ’’¹⁶

Apesar de tudo isso a obra de Gilberto Freyre valoriza o negro (mesmo que de forma mais lúdica, apaixonada e sensual, apesar dessas oposições a sua obra diz muito sobre o Brasil, industrial, urbano, a busca da cidadania pelas melhores condições de vida. Aprendendo assim algo que fomos ou ainda fazemos parte dela, porém desmitificando e como exemplo abandonando traços que muitas vezes é carregado conosco até os dias de hoje e precisamos abandonar e deixar de lado.

¹⁴ Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 397.

¹⁵ Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 505.

¹⁶ Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. -Maia&Schmidt Ltda.,1933, p. 535.

8 – Autor: Sérgio Buarque de Holanda:

Nascido em Julho de 1902, foi um crítico literário, sociólogo e historiador, e também um dos fundadores do partido dos trabalhadores.

Com a escrita de “Raízes do Brasil” em 1936, tem-se a ideia de que ele escreve esse livro levando em conta o Casa grande e senzala. Na prática é um livro em paralelo. Compartilha algumas teses, mas conforme o decorrer do livro ele vai se afastando do livro *Casa Grande e Senzala*, foi tirando a influência do livro.

Este livro de Sérgio diz muito respeito aquela tão pergunta feita por todos “O que somos?” Sendo através de “Raízes do Brasil” se demonstra um caminho no qual podemos ter a possibilidade de entender mais peso do passado e buscar uma alternativa para o nosso futuro.

Freyre vai se tornando também muito de direita, muito conservador, apoiador das ditaduras, o que também contribuiu para esse afastamento das ideias contidas no livro “Casa grande e senzala”.

8.1 - Interpretação sobre o livro:

Nesta obra Buarque busca na história da colonial, as origens para os problemas nacionais. Trabalhando com um “homem cordial”, aquele no qual age pelo coração e sentimento, entre as relações pessoais ao cumprimento das objetivas e de forma imparcial. Tendo em vista como no ponto de vista de Buarque pouca organização social, fazendo que a escravidão desvalorizasse o trabalho.

Buarque cria uma interpretação do Brasil baseada na interpretação dos colonizadores portugueses e também os espanhóis e os ingleses. Considera que os ibéricos têm características em comum (portugueses e espanhóis) e os ingleses eram totalmente específicos. Como podemos notar no trecho a seguir em que fala de um método que tentamos de vida europeia para tentar encaixar no Brasil, um país totalmente diferente de clima, paisagem e tamanho:

“A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado das condições [...] trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias e timbrando em manter tudo isso muitas vezes em ambiente desfavorável e hostil [...]. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspecto novo e imprevisto, elevar a perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem. Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros. ” ¹⁷

Voltando a dizer que os ibéricos não gostavam de trabalho manual, querendo ser senhores e com isso a exploração com os índios e os negros, dizendo por fim que o Brasil teve muitas características ibéricas e muito de sua construção cultural veio dali.

Sérgio Buarque, assim como Freyre, entende que o nosso presente está marcado pela colonização. Mas entende diferente de Freyre, entende Sérgio que este português é marcado pela ideia da aventura enquanto o anglo-saxão (inglês) é marcado pela ideia da rotina. Aventura X Rotina e os espanhóis eram o meio termo.

O espanhol constrói uma sociedade com características maiores de quem pretende ficar. Eram mais racionais, sempre construíram uma praça. Peru foi o lugar onde os espanhóis gastaram mais esforços para construir, pois os incas que habitavam aquelas terras na época era um povo bem sofisticado no sentido cultural. Já pelo que Buarque retrata ele diz que o gosto por essa aventura fez com que o português fosse o povo que melhor se adaptou aqui na América. Essa economia escravista colonial foi uma forma de suprir as necessidades e o que faltava na sua economia na Europa. Ele também diz que o índio não conseguia se adaptar aquelas condições de escravidão, fazendo com que o escravo africano fosse indispensável para o sistema colonial.

Os portugueses, em contraposição, são muito imediatistas, querem tirar tudo rápido da terra, faz uma rapina mais imediata, não características de quem pertence ficar. Com isso houve uma não preocupação do solo que ocasionou uma deterioração, devido os

¹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.31

portugueses se beneficiar das técnicas indígenas de produção, fazendo com que os índios de certa forma acabassem ganhando certa proteção fazendo com que se distanciassem um pouco da escravidão. Em relação aos ingleses, há uma associação entre algumas famílias em razão de interesses comuns. É a típica da associação da modernidade. Não discute a valoração (se é boa ou ruim), ele analisa uma associação fruto de um capitalismo que é a baseada em interesses, baseada no mérito -uma pessoa um voto- e terá como consequência o estabelecimento da lei de um mundo liberal.

Buarque volta a dizer que os portugueses já eram mestiços antes mesmo do descobrimento, devido suas expedições com que fizeram que o português não fosse mais totalmente puro, deixando também claro em sua obra que os preconceitos para com os negros eram bem maiores do que com índios no Brasil Colônia. Voltando a citar que a nossa própria língua portuguesa era de uma maior facilidade para os índios e os negros, fato este que ajudou muito na colonização. Outro elemento bastante importante que ajudou na comunicação no Brasil foi as igrejas católicas que tinham uma forma mais “simpática” de se comunicar do que as protestantes. Concluindo então que o resultado da união de todas essas coisas foi à mestiçagem, que com isso foi possível criar uma nova construção de nova pátria.

No capítulo seguinte, ele tem por meio de sua análise a vida rural na formação da sociedade brasileira. Visando então que a sociedade era colonial era rural, era nítido que quem detinha todo o poder da época colonial eram os senhores rurais, com isso a escravatura apareceu como um grande marco em nossa história. Dizendo que houve um grande desenvolvimento por volta de 1851 a 1855 em que graças às estradas de ferro, e que esse desenvolvimento ficou muito ligado à extinção do tráfico negreiro. Em que os senhores rurais eram extremamente contra, fazendo com que houvesse ainda uma continuação no tráfico, mesmo após ser abolido legalmente.

Senhores do engenho era de certa forma mostrava uma solidez perante a sociedade colonial, sendo completo e se tornando uma “pequena sociedade”.

No começo os homens que vinham para a cidade eram aqueles que tinham certa importância no campo, havendo assim uma substituição das honrarias rurais para as urbanas. Os colonos ainda achavam que trabalho físico não era um meio dignificava o homem e sim a parte intelectual. Fazendo com que a aversão da nobreza perante o trabalho físico dificultasse a Independência ultrapassar os limites que eram estabelecidos pela colonização portuguesa.

Fazendo com que para Sérgio Buarque a cidade se desenvolvesse de forma anormal e prematura.

A ideia principal era de que o colonizador era o culpado pelas características daquela terra colonizada. E também o objetivo dos ingleses era estabelecer uma terra nova, então obviamente não fariam uma rapina tão violenta e temporária, vez que pretendiam a permanência naquela terra. Voltava a falar sobre a maneira e sobre o desleixo dos portugueses na construção das cidades, mesmo sempre comparando com a espanhola.

Sérgio Buarque está discutindo um assunto que foi na verdade pautado por Freyre, que estuda a figura do colonizador:

Ele diz que o núcleo da associação é vertical, associa-se prioritariamente ao patrão. Concorda com o Freyre no sentido que acredita que o português tinha capacidade de mando. É um povo orgulhoso, que não aceita opinião acerca de sua identidade. Isso é diferente nos ingleses, que tinham ideias mais católicas, de humildade, não com tanta capacidade de mando como os portugueses.

Sendo assim, aqui a associação que se dá não é em razão de interesses como os ingleses, e sim o afeto (no sentido de ‘não razão’). Fala de um povo cordial (em oposição a racional, mas não no sentido de bonzinho, mas que está ligado ao coração, pode ser algo bem violento, mas que decorre das decisões tomadas com o coração). Esse mundo movido pelo afeto é um mundo pré-moderno, pois baseada em ações cordiais, na paixão, num sentimento pessoal (diferente das leis que são impessoais).

Essa raiz da situação brasileira (pré-moderna, pré-capitalista, atrasada, não democrática) da década de 30 é a colonização portuguesa. Espécie de mal da origem. Sérgio Buarque tirou esse tipo de caracterização de o que é uma sociedade pré-moderna da ideia de Weber. Weber está para Sérgio Buarque assim como Boas está para Freyre.

Sendo assim o que o Brasil teria de fazer era se livrar dessa lembrança ibérica. “Somos ‘desterrados’ da nossa própria terra”.

Buarque acredita que a saída era a industrialização, que provocaria dois fenômenos: grandes cidades e o surgimento de uma classe trabalhadora urbana (bem Weberiano também).

Uma passagem bastante marcante em *Raízes do Brasil* é sobre o “homem cordial”, Buarque cita que a impossibilidade que o brasileiro tem em se desvincular dos laços familiares a partir do momento que este se torna um cidadão. O Brasil é uma sociedade onde o Estado normalmente é propriedade da família, não havendo distinção entre público e o privado.

A frase que define *Raízes do Brasil* é “*Vivemos entre dois mundos. Um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz do dia*”.

Ele também falava sobre a formação das classes trabalhadoras que eram muito presos as heranças da sociedade colonial escravocrata.

Em alguns momentos Buarque parece compartilhar a tese de Gilberto Freyre no sentido de que a distância entre senhores e a massa que trabalhadora que era constituída por “homens de cor”, resumindo se tornando uma situação de dependente para a de protegido.

Considera-se então que está em curso esse processo de modernização, de industrialização. Considera que é o trabalhador urbano que irá exercer essa democracia, que se associam horizontalmente. Ele inclusive é um dos fundadores do PT.

O livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda é muito bem lembrado pelo seu fator de alternativas lançadas referentes a um passado e pode ser superado e modificado e através disso tudo ainda permanecerá em nosso alcance e disposição. Conforme isso aconteça e crie novos interesses sociais sofram com uma expectativa de futuro e mudança para que possam criar laços e transformações necessárias para a evolução.

9 – Autor. Alexis Tocqueville:

Nascido em 29 de julho de 1805, em Paris, França. Pertenceu a uma grande família aristocrata. Estudou Direito em Paris e acabou ingressando na magistratura enquanto não podia se candidatar para a câmara devido a não atingir a idade mínima que era requerida, anos após isso ocorreu a constituição na qual haviam reduzido a idade, então assim pode se candidatar, porém logo em sua primeira candidatura foi derrotado. Conseguindo alcançar somente em 1839 e permanecendo na até o golpe de estado que foi no ano de 1851. Com o passar do tempo teve que se ausentar devido a uma forte tuberculose que com o passar do tempo (por volta de nove anos mais tarde).

Escreveu “*A democracia na América*” em 1835. Após viajar para os EUA em 1833 para estudar a prisão com trabalho (recuperação do preso). Sua obra diz que o futuro é esse instituto, é o modelo dos EUA, mas não achava boa coisa, pois defendia interesses individuais sobre os coletivos, pois as maiorias são passageiras. Ele era um aristocrata e sua obra virou como “Casa grande e senzala” dos EUA, mesmo fazendo uma crítica. Foi muito perseguido pela Revolução Francesa. Dizendo que conforme a medida de igualdade vem a se fortalecer, o individualismo começa a tomar forma e se manifestar, fazendo com que lentamente se vai colocando em risco uma democracia.

Porém vamos focar em sua obra *A democracia na América*, no foco sobre a raça negra, branca e também sobre os índios. Falando então dos EUA ele diz que:

*“Quando vossos ancestrais chegaram a nossas terras, o homem vermelho era forte e, embora fosse ignorante e selvagem, recebeu-os com bondade e permitiu-lhes repousar seus pés entorpecidos na terra seca. Nossos pais e os vossos apertaram-se a mão em sinal de amizade e viveram em paz. “Tudo o que o homem branco pediu para satisfazer suas necessidades, o índio apressou-se a lhe dar”. O índio era então o senhor, e o homem branco o suplicante. Hoje, a cena está mudada: a força do homem vermelho tomou-se fraca. À medida que seus vizinhos cresciam em número, seu poder diminuía cada vez mais; e, agora, de tantas tribos poderosas que cobriam a superfície do que chamais Estados Unidos, mal restam algumas, que o desastre universal poupou.”*¹⁸

¹⁸ Tocqueville, Alexis. *A democracia na América*. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.p 391.

Como foi descrito acima ele cita que o índio era o senhor, porém com o passar do tempo houve uma mudança, fazendo com que o passar do tempo tenha ocorrido uma forte mudança e os brancos passaram a tomar conta e o “homem vermelho” foi se enfraquecendo.

Voltando a dizer que também com a ajuda dos europeus os índios de certa forma afastam-se da sua cultura, enquanto você deixar eles solitários eles se recusam a modificar sua cultura e mesmo assim os europeus empunham a força suas vontades como podemos ver no trecho abaixo que ele cita em seu livro:

*“Se continuam a errar de desertos em desertos, perecem; se procuram fixar-se, perecem também. Só podem esclarecer-se com a ajuda dos europeus, e a aproximação dos europeus deprava-os e repele-os de volta à barbárie. Enquanto são deixados em suas solidões, recusam-se a modificar seus costumes, e já é tarde demais para isso quando são enfim obrigados a querê-lo. ”*¹⁹

Ele continua fazendo a comparação entre “antigos e modernos”, dizendo que apesar da escravidão ocasionar os mesmos males as consequências eram diferentes. Para os antigos ele dizia que os antigos pertenciam aos seus senhores e de certa forma educados, fazendo com que somente a liberdade os separava, mas ao mesmo tempo se confundiam devido ao fato de que apesar da abolição o negro continuava com aquela impressão e preconceito que vinha carregada dos tempos antigos de escravidão. Fazendo com que também o preconceito do homem em desprezar aquele que um dia foi seu inferior, mesmo após se tornar igual a ele, fazendo com que houvesse uma desigualdade imaginária.

Os antigos tinham uma extrema dificuldade em modificar as leis, enquanto os mais modernos a dificuldade vinha a ser a mudança de suas atitudes e costumes, fazendo com que essa lembrança de escravidão se misture com a raça, sendo difícil então de se desconectar as duas e acabar de vez com o preconceito, que apesar do passar do tempo ainda se permanecia.

Focando no EUA ele também diz que o preconceito racial parecia mais forte nos estados que haviam abolido a escravidão do que as que ainda existiam a escravidão. Por mais que foram dados aos negros os direitos eleitorais, eles sofriam e também eram oprimidos

¹⁹ Tocqueville, Alexis. A democracia na América. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.p 393.

correndo risco de vida e também dificuldade qualquer acesso a, por exemplo: escolas, teatro e até mesmo ao fim de suas vidas haviam desigualdades como podemos ver no trecho a seguir:

*“Em quase todos os Estados em que a escravidão foi abolida, deram-se aos negros direitos eleitorais; mas se ele se apresenta para votar corre risco de vida. Oprimido, pode se queixar, mas só encontra brancos entre seus juízes. A lei, no entanto, abre-lhe o banco dos jurados, mas o preconceito afasta-o dele. Seu filho é excluído da escola em que vai se instruir o descendente dos europeus. Nos teatros, ele não conseguiria comprar, nem a preço de ouro, o direito de sentar junto daquele que foi seu amo; nos hospitais, jaz à parte. Permite-se que o negro implore ao mesmo Deus dos brancos, mas não no mesmo altar. Ele tem seus padres e seus templos. Não lhe fecham as portas do céu, porém a desigualdade mal se detém à beira do outro mundo. Quando o negro falece, jogam seus ossos em separado, e a diferença de condição se encontra até mesmo na igualdade da morte. Assim o negro é livre, mas não pode compartilhar nem os direitos, nem os prazeres, nem os trabalhos, nem as dores, nem mesmo o túmulo daquele de quem foi declarado igual; em nenhum lugar poderia encontrar-se com este, nem na vida nem na morte.”*²⁰

Tocqueville também diz respeito sobre a tirania e sobre o poder de decisão sobre uma minoria. Mostrando que o problema da decisão do governo democrático não era a liberdade, mas sim a pouca garantia que se tem contra a tirania. Ele então mencionava que nesse formato de sistema político mesmo que o indivíduo sofra injustiça, não teria pra onde recorrer tendo em vista que quem decide tanto na opinião pública como no legislativo é poder da maioria, sendo assim tendo que se submeter a ela.

Ele cita também que, os povos democráticos um algo a mais pela igualdade do que pela liberdade, e com essa busca incessante pela igualdade serão mais tolerantes a pobreza ou a servidão, sendo assim a recusa total pela Aristocracia. Fala sobre o individualismo das pessoas e fala que isso só é possível conforme as condições se equilibram, dizendo que as pessoas não devem nada a ninguém e são extremamente donas de seu próprio destino.

²⁰ Tocqueville, Alexis. A democracia na América. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 p.397-398

Seu enfoque principal do texto foi feita com base em que ele dos moldes americanos que presenciou e vivenciou. Trazer aos franceses mostrando as experiências que ali esteve presente, mostrando seus hábitos, suas opiniões e cultura. Mostrou que os hábitos e costumes são baseados nas leis e teve como finalidade demonstrar que apesar das leis e seus costumes é possível permitir que o povo democrático possa sim permanecer de maneira livre.

Por sua vez acreditava nas relações verticais no Brasil, estabelecidas por afeto (bom ou ruim) e não por interesse, como deveria. Isso implica que as decisões são baseadas em uma sabedoria pontual, um afeto caso a caso, sendo casuísticas, não na lei, não na associação por interesse. Isso criou o “homem cordial” (que não significa algo propriamente bom, mas que usa sentimento do coração, não a razão).

Sendo assim, Sérgio Buarque tem visão pessimista, por isso então Freyre acabou ganhando força.

10 - Autor. Raymundo Faoro:

Nascido em 27 de abril de 1925, em Vacaria no estado do Rio Grande do Sul. Sua obra mais importante escrita e que vamos falar sobre é “Os donos do poder” em que foi escrito em 1958, obra que iremos tratar a seguir. Ele vem por meio desta resgatar argumentos de Sérgio Buarque (“Raízes do Brasil”) e as radicalizar.

Uma de suas maiores forças vinha da persistência em demonstrar a crença democrática e compreender a importância do liberalismo. Mostrando um lado positivo da tradição liberal que é a valorização da cidadania, respeito às leis e também o repúdio sobre a cultura do populismo paternalista.

Em um tempo marcado pelo “nacional popular”, que é uma ideia de unidade das classes sociais para a formação da nação brasileira. União dos brasileiros contra os interesses estrangeiros. Movimento na arte, na política (aliança entre empresários e trabalhadores etc.). O Estado foi condutor dessa formação da nação e tentar colocá-lo em alto patamar internacional. Raymundo Faoro critica essa ideia, pois no Brasil foi criado um Estado estamental (uma Corte inútil que domina o aparato do Estado, camada parasitária que sugava uma riqueza não produzida por ela), como em Portugal. Não a oposição se dava entre esse Estado burocrático e a sociedade, a vida em sociedade (o Estado não era reflexo da sociedade, é um Estado morto). Em Portugal a colonização, a expansão comercial, por conta do estamento que tomou o Estado, foi obra da Coroa, não de particulares. Não foi formada uma burguesia em Portugal e nem no Brasil.

Um Estado patrimonialista é patrimônio da Corte. Não há separação entre público e privado como onde há uma burguesia, não há República. Impede a formação de uma sociedade civil no Brasil. Ele propunha uma revolução liberal no Brasil. Um capitalismo de verdade, com burguesia. Só assim o comunismo e o socialismo poderiam apresentar seus ideais.

Mas houve muito uma centralização de poder e com isso houve um típico feudalismo que se criava hierarquia entre os próprios senhores e avassalando então uns aos outros, formando-se assim monopólios, e através disso sustentam os poderes monárquicos.

Essa “nobreza” então criada através disso é devido ao fato pela notoriedade de funcionários que são então leais ao rei e em troca disso é concedido então alguns favores como também terras um método até então como bem disse totalmente centralizado e fazendo com que o poder permanece na mão de poucos, até mesmo antigos donos e proprietários se submetem as ordens da até então monárquica e burocrática para também receberem alguns favores.

Eram eles que cuidavam das normas do direito, criavam e aumentavam seus monopólios, fazendo com que fossem tudo monetizado inclusive suas pensões e com grandes movimentações sobre alguns vencimentos de causa.

Com essa intromissão da Casa Real eles regulavam então a economia tornando tudo mais burocrático e como forma de manter uma ordem e também de lucrar, fazendo com que a economia fosse controlada por cima.

Sendo assim uma diferença bem grande entre Estado, povo e nação. Surgindo assim um contraste enorme com isso tudo diz Faoro:

“Em virtude deste fenômeno – que estrutura a tese central deste estudo- o Estado projeta-se, independente e autônomo, sobre as classes sociais e sobre a própria nação. Estado e Nação, governo e povo são realidades diversas, que se desconhecem, e, não raro, se antagonizam. ” ²¹

Como pode se ver a monarquia através dessa distribuição de áreas para suas pessoas de confiança, eram um método para fazer com que ficassem tudo sobre os seus olhares, como maneira de proteger contra possíveis e futuras invasões, fazendo com que assim nesse meio tempo fossem extraídas as coisas de mais valor daqui do Brasil, como ocorreu por exemplo com pau-brasil entre outras riquezas que aqui eram presentes.

Concordando também com Caio Prado não que se diz respeito ao a economia colonial sobre ser um “negócio do rei”.

²¹ FAORO, Raymundo Os donos do poder, a formatação do patronato brasileiro. Porto Alegre: Globo,1958, p. 45.

Com o passar do tempo surgem os bandeirantes, obtendo assim grandes contratos territoriais, e fazendo com que assim desrespeitassem muitas vezes os reais interesses da Coroa e agindo conforme suas vontades, muitas vezes até por serem violentos.

Isso tem um grande impacto e se diferencia dos pontos de vista que era defendido pela Coroa e quem administrava as coisas.

Com as descobertas das minas de ouro, por sua vez a Coroa como método de manter as coisas em ordem e sob seus domínios e fiscalizações, com medo de serem prejudicadas, acabam criando novas capitânias (entre elas são: São Paulo, Minas Gerais entre outras) aumentando assim o seu poder e controle administrativo, devido ao medo e por saber que as classes sociais independentemente da região que se encontrava não enxergavam com bons olhos o Estado pelo fato de jamais se interessarem por suas causas ou objetivos, eram então vistos como “inimigos”.

Apesar dos grupos e títulos de alguns muitas vezes era mais uma mera nomeação de certa forma para buscar status e até mesmo importância, que muitas vezes apesar de um certo título muitas vezes não exercia poder perante os outros, e muitos além de governantes tinham mais poder e até mesmo autoridade pelo fato de apesar de governante ainda se somava outros tipos de título como por exemplo nas forças militares, ocasionando assim uma certa importância e relevância maior do que somente ser nomeado a governador de estado, sem falar que por muitas vezes os cargos de poder público era com base em nomeações feita pelo Conselho de Portugal, no qual eram nomeados para servir e como forma de favores para um maior controle.

Sendo assim a Coroa chegou a apoiar os comerciantes como por exemplo na Guerra dos Mascates em que sob os domínios de Pedro I, ocasionando assim um choque contra os nativos que queriam a Independência:

“O estamento burocrático, que de Portugal se estendera ao Brasil, ganha incremento com o enriquecimento da burguesia urbana.

Não se integrou esta naquele, senão que o reforçou, ajudando-a a burocracia com as fontes de negócio (contratos, privilégios, arrendamentos, fornecimentos) que lhe propiciava. Enquanto os empresários agrícolas, afirmando-se como rendeiros abandonavam

a classe lucrativa para se integrarem a proprietária, que aspirava evoluir para o estamento feudal, como estratificação própria hostil à burocracia e à sua camada original, o comércio percorria caminho oposto. Fiel a sua classe, agrupava-se em torno do estamento burocrático, procurando nele ingressar seduzido pela fascinação que lhe despertava, com a entrega de seus filhos. Muitos dos membros da burguesia comercial eram “cristãos-novos”, cujos filhos transformavam Coimbra em “covil de heréticos”. [...] A Colônia conheceu forte conflito social, atente e aberto, entre os senhores territoriais, cuja concepção de vida se aproximava do espírito feudal, liberal, e descentralizador, e a classe mercantil. ”.²²

Com isso os latifundiários que foram transformados com decorrer do tempo em agricultores e os seus senhores por mais que tentassem se libertar do capitalismo em posto pelo seu Estado que era extremamente burocrático e servia de base para todo o Império não conseguia obter seu sucesso devido à falta de força e peso dessas camadas. Havendo o regresso do rei a Portugal a lutas prosseguiram extremamente aguçadas entre eles.

No período de Independência Faoro mostra mais sobre seus pensamentos teóricos como diz no texto a seguir:

“A classe territorial tentou criar o Estado de baixo para cima, afastando a película importada, que a esmagava. Lutou ela pelo ideal dos antigos caudilhos territoriais, definindo as cores do liberalismo, sem alcançar o domínio pleno. Esta ideologia, que veio das capitâneas, continuará a fluir como corrente subterrânea, pressionando para vir à tona, e logrando vitórias incompletas, com a Independência, a Abdicação e a República. ”⁷

Tentando assim mostrar que os senhores de terra através de seus filhos tentavam fazer e buscar uma Independência de “baixo para cima”, porém não obtendo muito sucesso e quando se diz isso “de baixo” exclui-se obviamente a parcela e camada social de baixa renda como: escravos, libertados e os brancos pobres, esses sequer entravam e contavam para o cenário brasileiro.

Faoro faz uma análise extramente importante e estruturada sobre as condições sociopolítica do Brasil no Século XIX. Demonstrando assim uma supremacia total do Estado para com a sociedade.

²² FAORO, Raymundo Os donos do poder, a formatação do patronato brasileiro. Porto Alegre: Globo, 1958, p.110.

Ainda dizendo sobre o liberalismo Faoro cita sobre as moldagens das instituições:

*“O liberalismo que se frustrara no movimento de emancipação, fizera a Abdicação. Esteado na propriedade rural, era sua bandeira, fundamentalmente, revigorar o município, tornando-se centro das autoridades locais, descentralizadas. Seu ideal de inspiração norte americana era o ‘self government’. Criminal, promulgado em 1832. Representada o estatuto a mais avançada conquista liberal do 7 de abril, por onde se abriram as portas aos potentados dos latifúndios. ”*²³

Em “*Os donos do poder*” em um de seus capítulos Faoro de forma brilhante descreve sobre as forças que modelaram o Segundo Reinado, trazendo uma certa diferença como medido de comparação com Sérgio Buarque de Holanda.

Enquanto o foque do Sérgio Buarque era essa desmistificação sobre um uma democracia que exercia força para transformar um Poder Moderador para uma causa mais pessoal fazendo com que fossem exibidas essas articulações entro o Trono e os latifundiários, Faoro tem como enfoque que no final disso tudo que os seus conservadores preferiam as causas mais centralizadas e autoritárias.

Com isso em suas análises pai e filho Nabuco de Araújo (pensador já citado entre o começo deste TCC) pode se dizer que para eles “a ditadura” até então poderiam ser abolidas como é descrita no texto abaixo:

“Eu nunca denunciei o nosso governo de ser pessoal, porque com os nossos costumes o governo entre nós há de ser sempre por muito tempo ainda pessoal, toda questão consistindo em saber se a pessoa central será o monarca que nomeia o ministro ou ministro que faz a Câmara... O que eu sempre fiz foi acusar o governo pessoal de não ser um governo pessoal nacional, isto é, de não servir do seu poder, para criação da Providência que lhe deu o trono, como benefício do nosso povo sem representação, sem voz, sem aspirações mesmo.”

24

Para finalizar Faoro não foi primeiro a usar traços weberianos como forma de interpretar um nosso Brasil, tratando de demonstrar com maior alcance e partir de análises das

²³ FAORO, Raymundo Os donos do poder, a formatação do patronato brasileiro. Porto Alegre: Globo,1958, p.156.

²⁴ NABUCO, Joaquim discursos parlamentares (1879-1889), apud Raymundo Faoro, op.cit.p 187.

famílias e do patriarcal como forma de mostrar a confusão que foi vivida pela história entre os meios das partes públicas com a parte privada na nossa cultura, na parte políticas brasileira, assim como feitas também por outros pensadores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Sendo o primeiro a defender mais o patrimônio, fazendo bastante e não trazendo só conceitos, mas também dando vida aos seus personagens que ali se faziam presentes. Faoro conseguiu através de suas análises mostrarem e traçar por onde se encaminhava o capitalismo, mostrando assim os progressos, as injustiças, violência e também as suas individualizações.

11 - Autor. Caio Prado Júnior:

Nasceu em 11 de fevereiro de 1907 no município de São Paulo.

Sua obra mais importante e a obra: “Formação do Brasil contemporâneo”, no qual vamos falar um pouco sobre ela e por qual motivo se tornam um dos clássicos, fazendo parte dos três clássicos (“Casa grande e senzala”, “Raízes do Brasil” e “Formação do Brasil contemporâneo”).

Foi através de sua obra *formação do Brasil Contemporâneo* foi feita pela primeira vez com base em um formato mais sintético, mostrando o período da colonização portuguesa, as fundamentações econômicas, sociais e político e também suas crises. Mostrando inclusive muito das crises econômicas do período colonial e que sucedeu por vários séculos e ainda alcançando muitas da base de algumas instituições partidárias.

Inclusive ele somente um volume referente ao todo sobre a Colônia e foi o autor que mais foi completo nesse quesito, por isso não se pode passar despercebido o livro e em seu outro ensaio *A revolução brasileira*, ele termina de maneira sutil a *Formação do Brasil Contemporâneo* mostrando uma dinâmica de como foi o passado colonial e como ela se refaz no nosso presente, mostrando através de uma situação de pura dependência no processo econômico e de suas instituições políticas-sociais.

O livro de Caio também estabelece a relação entre Colônia e Metrópole, não somente falando no âmbito do modo de produção de escravos e sim traçando como sutileza uma linha reta em que se possa compreender a natureza econômica e mercantilista. Mostrando também que não foi através de força de trabalho, mas sim o homem que se aproveitando do momento como forma de lucrar em cima do comércio de escravos e por isso e por esta maneira que a economia metropolitana foi se viabilizando.

Através disso foram criadas algumas contradições como por exemplo ser “capitalista”, mas ao mesmo tempo se baseavam na escravidão, com isso não se obtia espaços para uma grande transformação sobre a tecnologia e social que era criado no capitalismo (que era com maior poder e notoriedade na Europa a partir de suas revoluções como a Agrária e a Industrial).

Outro ponto de grande importância mostrado por Caio foi se criou uma maneira simplista dentro do mercado mercantilista-escravocrata, e o nome do livro faz jus justamente pelo fator mostrar o processo de exploração ocasionado da Metrópole com sua Colônia, mostrando assim uma forma de interpretação beirando a realidade. Fazendo assim com que de forma mais simplista e muito sólida tudo que foi tratado e escrito sobre nossa história.

A sua principal influência: Marx. Caio Prado Jr. foi o primeiro a oferecer uma interpretação do Brasil inspirada em Marx (o que não significa dizer que foi o primeiro marxista, mas o primeiro a fazer uma interpretação global do Brasil com essa base), era filho da família mais rica de São Paulo. Filho de Antônio Prado e D. Veridiana. Contrariou sua família e se ligou ao Partido Democrático (que apoiou Getúlio Vargas)

Com o passar do tempo se filiou ao Partido Comunista do Brasil, e 1934, juntando à Aliança Nacional Libertadora, um movimento que na época era antifascista. Em 1945: Getúlio renunciou e Eurico Gaspar Dutra assumiu.

Ele foi eleito deputado estadual com Mário Schenberg, cientista. Exercendo um ano de mandato; recebeu do PCB tarefa de organizar e produzir jornais e revistas, que fazem parte do pensamento social brasileiro, montando assim a editora Brasiliensi e também a gráfica Urupês. Sendo muito amigo de Monteiro Lobato, que, quando foi liquidado pelo modernismo, foi acatado por Caio Prado Jr. e levado para trabalhar na editora e na gráfica.

Gostava muito de comprar quadros, como Tarsila, Anita Malfatti etc. Sendo uma pessoa extremamente saudável, mas obteve mal de Alzheimer e ficando assim internado por cerca de 10 anos. Por volta dos anos de 1941 escreveu “Evolução política do Brasil”, primeiro livro a colocar as revoltas brasileiras como chave explicativa importante. Seu livro menos importante:

O livro “Formação do Brasil contemporâneo”: não usa as mesmas ferramentas e argumentos que Gilberto Freyre e Sérgio Buarque. Não queria fazer um ensaio (modelo sem provas), queria usar dados, história e fatos comprovados. Estudou os aspectos discutidos em seus livros a partir de documentos. É um livro de fácil leitura, porém uma difícil compreensão e explicação. Suas duas principais chaves de ideia são sobre: O sentido da colonização e orgânico-inorgânico.

12 - Autor. Antonio Candido:

Nascido em 24 de julho de 1918 na cidade do Rio de Janeiro, importante sociólogo e crítico literário.

A obra que escolhi de muita importância é *Os parceiros do Rio Bonito*.

Tema que aborda o estudo sobre o caipira paulista, falando sobre os meios de vida, analisando a comunidade e dizendo e mostrando uma preocupação com sua importância na sociedade.

Logo no começo do seu livro ele já fala sobre essa sociabilidade como diz o texto a seguir:

*“[...] dir-se-á, que um grupo ou camada vive segundo mínimos vitais e sociais, quando se pode, verossimilmente, supor que com menos recursos de subsistência a vida orgânica não seria possível, e com menos organização das relações não seria viável a vida social: teríamos fome no primeiro caso, anomia no segundo.”*²⁵

Dizendo sempre que a agricultura extensiva serve de equilíbrio ecológico, como método de sobrevivência. As citações não param e ele explica bem sobre as diferentes refeições feita pelos agricultores como algo mais básico, enquanto os bandeirantes são algo mais de sustância devido as suas expedições.

Nos outros capítulos ele volta a estabelecer e criar uma ligação entre a vida dos caipiras e também os comércios, onde se era feito compras de tecido e entre outras coisas.

Aspectos esses de grande importância devido aos caipiras serem mais isolados criou no comércio um aspecto relações e vizinhança, fazendo com que fosse o aspecto mais importante para uma estrutura muito fundamental para a socialização do caipira, fazendo com que fosse necessário para uma vida material e cultural do caipira como diz o texto abaixo:

“Bairro [...] é o agrupamento básico, unidade por excelência da sociabilidade caipira. Aquém dele, não há vida social estável, e sim o fenômeno ocasional do morador isolado, que

²⁵ CANDIDO, Antonio Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio De Janeiro: José Olympio,1964. P.13

tende a superar este estágio, ou cair em anomia; além dele, há agrupamentos complexos, relações mais seguidas com o mundo exterior, características duma sociabilidade mais rica. Ele é a unidade em que se ordenam mínimo social, equivalente no plano das relações ao mínimo vital representado pela dieta, já descrita. ”²⁶

Dizendo então que os caipiras necessitavam e eram dependentes das vilas, cidades e comércio. Não somente pelo fato de adquirir bens manufaturados, mas também de para poder manipular seus próprios alimentos.

Como conclusão pode se dizer que Antonio Candido diz que os grupos mais rústicos aceitam apenas alguns traços culturais impostos:

“Daí qualificá-los como grupos que aceitam, da cultura urbana, os padrões impostos- aquilo que não poderiam recusar sem comprometer a sua sobrevivência, mas rejeitam os propostos, os que não se apresentam com força incoercível, deixando margem mais larga à opção. ”²⁷

Porém grande contribuição e extrema importância em *Os parceiros do Rio Bonito* buscam como foco mostrando a os diferentes modos de produção entre o caipira e o capitalista e sua relação com a natureza e a cultura.

Mostrando a exata economia caipira, suas formas sociais e que apesar do tempo e da maneira rústica sobreviveram e resistindo por séculos em nossa sociedade.

²⁶ CANDIDO, Antonio *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio De Janeiro: José Olympio, 1964. P.54

²⁷ CANDIDO, Antonio *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio De Janeiro: José Olympio, 1964. P.175

13 - Sentido da colonização:

O Brasil nasceu para fornecer produtos primários para o consumo europeu.

Em nenhum momento o Brasil foi visto para os portugueses como meio de se viver e sim de maneira a se extrair toda a riqueza que aqui se encontrava e fossem usadas para melhorar um país português, fazendo com que muita das coisas aqui encontradas fossem levadas para Portugal.

Toda a formação social brasileira é explicada por isso, atender demandas econômicas externas ao Brasil.

A princípio a base são formadores do Brasil: latifúndio (para produzir para o estrangeiro), o patriarcado (no sentido e pater-família, relações verticais, não no sentido utilizado pelo feminismo) e escravidão (como mão-de-obra). Era contra tudo isso.

Sendo assim a vida social no Brasil era produzida pelo aspecto econômico, que era externo.

O objetivo do EUA não era colônia de exploração como o Brasil, mas de povoamento, para criar uma vida social diferente e esses aspectos foram cruciais para uma maneira de se pensar e fazendo com que houvesse grande diferença nas formações, enquanto em um país se visava os aspectos de povoamento social a outra era meramente de exploração de suas riquezas, ocasionando assim um Brasil como o passar do tempo uma cultura totalmente misturada devido ao fato de os portugueses chegando aqui querendo de certa forma impor sua cultura e seus jeitos de forma mais desenvolvidas a um país que até então era subdesenvolvido e atrasado. Fez com que também fossem se perdendo a cultura daqui (através das formas jesuítas de catequizarem os índios) sem falar nos escravos africanos que aqui chegavam de outros países como forma de “ajudar” fazendo o trabalho braçal para se extrair as riquezas aqui presente.

Então considerava-se o Brasil uma nação incompleta. Não havia se associado ao capitalismo internacional como importante, mas como colônia (mesmo que não mais de fato, mas fornecedor de uma matéria-prima), de acumulação exógena (externa), não endógena.

13.1. Orgânico X inorgânico:

O aspecto heterodoxo do marxismo. Brasil se formou no Atlântico entre território brasileiro, África e Europa.

Esse meio mais “orgânico” é composto por senhores e escravos (socialmente), que produziam cana, algodão e afins. A seiva da vida passava por eles, era por eles que se estabilizavam um centro das atenções, por isso eles eram inseridos no mesmo setor. Fazendo com que mesmo que senhores e escravos vivessem num certo oposto no final das contas eles se cruzavam e se encontravam em um mesmo sentido, ambos eram o objeto da coisa, um sendo controlado (no caso os escravos pelos senhores) e os senhores o objeto da coisa que usufruía disso e tirava seu sustento tanto para os cuidados do seu engenho como usando os escravos como objeto de troca e ganho de dinheiro.

O “inorgânico” é massa de brasileiros pela qual a seiva vital da produção nem passou, massa dominada por uma anomalia, uma pobreza absoluta, doença, composta por zumbis.

Por isso achava-se que a grande tarefa do Brasil era a inclusão do inorgânico por meio de uma lógica de produção econômica, de acumulação de capital endógena. Sendo que seu livro inaugurou uma série de pesquisas sobre “o homem pobre livro”.

14 - Autor. Florestan Fernandes:

Nascido em 22 de julho de 1920, em São Paulo. Foi um grande sociólogo e também político do Partido dos Trabalhadores.

“A integração do negro na sociedade de classes” em 1964, a edição de *Branços e Negros em São Paulo* é muito importante tendo em vista que o debate sobre as identidades raciais estava de volta ao cenário político brasileiro, com referência as cotas.

O livro traz um parecer e uma nova visão sobre a questão racial do nosso Brasil, sendo uma obra extramente clássica.

Mostrando e não precisando enfatizar sobre as mudanças histórica e estrutural, caracterizando de forma simples como o preconceito de cor sempre havia se prendido as estruturas das camadas sociais e como as coisas mudavam conforme se reconstruíam.

Os aspectos principais de Florestan eram as relações étnicas e as camadas sociais entre negros e brancos e como foi estabelecida essa conexão social no período do regime dos senhores e escravos e como foi caindo por terra a partir do momento que isso terminou e deu-se lugar a uma nova sociedade capitalista e de trabalho livre. Fazendo com que o preconceito referente á cor não se interrompesse mesmo após as mudanças de vida da sociedade brasileira. Como é dito abaixo:

*“[...] o que nos parecia importante, na situação racial brasileira, não era a inexistência de atitudes preconceituosas e discriminatórias, mas as formas pelas quais elas se exprimiam e as funções que preenchiavam. Sem assumir ostensivas e virulentas, características do estado de conflito, elas traduzem o que ocorre quando ambos os processos fazem parte de um estado de acomodação.”*²⁸

²⁸ FERNANDES, Florestan A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica.3ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.413 pp.Nova publicação da obra na Coleção Intérpretes do Brasil, Ministério da Cultura,2000

Dizendo também sobre aonde o escravo negro se inseria na estrutura social, que com o passar do tempo e da Abolição transformou o negro como um homem livre, porém essa transição foi de forma social e econômica, porém lenta como diz abaixo:

*“É que a transição precisava se operar como um processo histórico e social: o negro deveria antes ser assimilado à sociedade de classes, para depois ajustar-se às novas condições de trabalho ao novo status econômico-político que adquiriria na sociedade brasileira.”*²⁹

Achando assim que com uma competição livre haveria então um total desaparecimento repentino dessa discriminação e também esse preconceito. Fato que não se tornou realidade, mas mudou e transformou essa discriminação e preconceito.

Com isso Florestan não desmereceu a importância que foi *Casa grande e senzala* de Gilberto Freyre e o fato narrado ali sobre a miscigenação cultural envolvendo os senhores de engenho (branco), com os escravos (negros) e também os índios para demonstrar a cultura racial brasileira.

Porém para Florestan prevalecia o preconceito de classe e não de raça.

Como apesar da abolição ter entrado em vigor, e possivelmente aberto o mercado para uma competição de forma livre, o negro não foi inserido imediatamente ao mercado de trabalho, mantendo assim eles em uma certa camada mais fragilizada e igualmente já ocupavam anteriormente. Fazendo com que assim permanecessem as diferenças raciais, inferioridade perante aos outros na camada social e mantendo-se os preconceitos. Embora essa abertura de mercado e competição livre buscasse acabar com isso. Assim como nos tempos atuais pode se observar simples atitude de diferença das classes (uma educação de nível boa e uma renda).

Não vendo assim no preconceito e as discriminações como sendo uma causa de desigualdade como diz a seguir:

“[...] a escravidão e a dominação senhorial deram origem a um regime misto de castas e estamentos, em que os níveis sociais prevaleceram sobre as linhas de cor. Estas

²⁹ Fundamentos empíricos da explicação sociológica 4. Ed. São Paulo T.A. Queiroz, 1980

existiram, mas como consequência daqueles, ou seja, como produto natural da posição ocupada pelos representantes das “raças” em contato no sistema de relações econômicas. ”

30

Após a Abolição teve uma camada de negros não eram “classificados” na sociedade, com isso criaram uma certa “plebe” que não fazia parte da nova classe operária da época, alguns através de seus esforços conseguem adentrar a camada e muitas vezes através dos favores prestados as classes dominantes e juntamente com a educação conseguiam conquistar posições melhores perante ao povo.

Com isso Bastide cita em sua interpretação que:

*“Houve uma infiltração” e mais do que uma ascensão uma gota negra após a outra a passar lentamente através do filtro nas mãos do branco”*³¹

E também vai analisar sobre o preconceito de cor que se confunde e entrelaça muito com a classe em diversos casos, por dizer que a classe social trabalhadora marca a ser um momento de cor passando assim a se tornar um estigma racial e social. Concluindo então por ser dizer que “ *a cor pode prevalecer sobre a classe*”. Existindo assim ambos os preconceitos que se misturam fazendo com que um não possa se negar perante o outro.

Em seu último capítulo ele fala sobre o seu combate contra esse preconceito racial, fazendo como pioneirismo para explicar e entender o papel do negro na sociedade, tanto como nos movimentos sociais como para com a sua importância.

Outras obras surgiram na mesma época e com mesmo enfoque entra elas:

Octávio Ianni: “As metamorfoses do escravo ”Fernando Henrique Cardoso: “Capitalismo e escravidão no Brasil meridional” em 1962 e Francisco Weffort: “O populismo na política brasileira” em 1964.

Com isso esses livros colocaram a universalidade no debate da origem do povo brasileiro.

³⁰ FERNANDES, Florestan A revolução burguesa no Brasil Editora Globo p. 68

³¹ FERNANDES, Florestan A revolução burguesa no Brasil Editora Globo p.224

Sendo de origem humilde, filho de mãe solo, mulher portuguesa que trabalhou como empregada doméstica e alfabetizou-se já adulto.

Trabalhou como garçom e conheceu professores da missão francesa, que vieram para lecionar na USP (como ataque ao getulismo). Convenceram-no a entrar na Universidade, cujas aulas eram em francês. Conheceu Roger Bastide, que foi como um tutor para ele. Estudou sociologia e se tornou professor e, depois, dirigente do que hoje é a FFLCH.

Ele pretendia dar uma interpretação científica do que é o Brasil. Dizia não haver antes uma interpretação desse tipo por conta da compreensão do Brasil por uma obra literária não científica, que era a de Gilberto Freyre, somada à ausência de universalidades no Brasil. “Científico” não significa neutro, havia política envolvida, não era uma ciência exata. Ele se apresentava como quem faria tais estudos científicos. Sendo assim, seu projeto não era solo, devendo os demais autores ser usados para interpretá-lo (Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort) Sendo um projeto científico e de grupo. Foram aposentados pelo golpe de 1964, depois voltaram para o Brasil e seu grande alvo era Freyre. Buscava rever a teoria da escravidão e formou a teoria do populismo.

14.1 - Teoria da escravidão:

Fizeram pesquisas documentais sobre a escravidão, para eles, a escravidão foi muito violenta e por isso anulou o escravo como sujeito, de modo que as ideias de Freyre seriam fictícias, sendo impossível aquele tipo de relação entre escravo e senhor, pois eles eram anômicos. Discordavam do “equilíbrio” entre essas duas partes, pois o sujeito o escravo era. Discordavam da ausência do orgulho de raça dos portugueses que permitia mais força ao escravo. Ele também dizia que Freyre usava sua teoria descrevia apenas 0,1% dos escravos, aqueles que conviviam com a casa grande. Sua tese foi influente no movimento negro.

Defendia a ideia de que a imagem do brasileiro como mestiço dava a impressão de uma democracia racial. Diziam que o brasileiro era mestiço, mas que o Estado não via assim ao não oferecer melhores oportunidades e afins para os negros. Concluiu que o negro não havia sido integrado à sociedade de classes (no sentido de Weber, não Marx), não sendo o Brasil plenamente capitalista.

Os ex-escravos não foram integrados como massa proletária. Essa classe foi ocupada por estrangeiros. Assumiu papel de exército de reserva dos brancos, que forçava o preço da produção lá embaixo. Defendia também que o Brasil deveria ser plenamente capitalista, não parcialmente, porém na década de 1970 usou um pouco do marxismo dizendo ser impossível aqui o capitalismo pleno, sendo necessária uma revolução socialista.

Ele acabou sendo deputado federal pelo PT em 1980 e participou da constituinte de 1988.

15 - O QUE É POPULISMO?

É a ciência política que descreve as práticas associadas pelos governantes na América Latina por volta do século XX. No caso do Brasil mais especificamente no período de 1930 a 1964. Forma na qual foi construída para citar o momento histórica brasileira.

De acordo com o historiador e também professor Marcos Napolitano ele mostra as seguintes características:

Relação direta e do líder com as massas: Era uma forma de estabelecer conexão do líder com a população, com por meio de sua influência de carisma, sem ser através de uma instituição política.

Nacionalismo econômico: Uma forte tendência das partes políticas com medidas extremante nacionalista na economia.

Discurso de união de massas: Era a defesa da conciliação das diferentes classes sociais, não falando de forma específica.

Liderança no carisma e clientelismo: Poder de líder ocasionado e sustentado tanto no seu carisma como também na sua rede de favores.

Frágil Sistema partidário: possuindo um frágil sistema partidário, devido ao fato do poder político ser muito concentrado e exclusivamente em seu líder e não nas instituições políticas.

15.1 – Teoria do populismo:

Weffort foi o orientando de Florestan mais forte nesse aspecto. Escreveu “O populismo na política brasileira” em 1978.

Então lançando a ideia em seu texto de 1964, antes do golpe.

É um livro muito calcado em Sérgio Buarque, mais que no próprio Florestan. Usou muito o último capítulo de “Raízes do Brasil”. Partindo de Sérgio Buarque, mas dizia

que a solução autônoma que viria, conforme previsão de Buarque e foi impedida pelo populismo.

O populismo surgiu no Brasil e América Latina com líderes carismáticos que governavam os países e estabeleciam relações diretas (sem intermédio e instituições) com a massa. Pelo carisma, não pela razão. Isso impediu a articulação da classe trabalhadora em si mesma para ir contra os patrões (associativismo horizontal). Um exemplo foi Getúlio. O líder fazia essas ligações pela distribuição de benesses, de favores. Acionava a emotividade do povo pela arte, os símbolos, a religiosidade popular.

Na década de 1930 teve o PTB, que era partido com imensa influência sobre os trabalhadores. Liderava o movimento do trabalhismo, que era marcado pela ligação entre trabalhadores e líderes não trabalhadores, não uma relação horizontal. Mais um culpado pela não revolução de classes. Os outros culpados foram os comunistas, que acreditavam ser o Brasil pré-capitalista, sendo necessária uma revolução burguesa antes do proletário. Impediu a consciência de classe ao estabelecer as relações com os industrialistas.

Fazendo com que o trabalhismo e comunismo, juntos, deram força a estes líderes populistas ao invés de articular a classe trabalhadora e sua consciência de classe. Em 1978, Weffort em sua obra culpa o populismo pela ocorrência do golpe.

Quando ocorre a abertura democrática, Florestan, Ianni e Weffort criam um partido cuja lógica é refutar o trabalhismo e o comunismo, criando o PT. Buscavam encaminhar o acontecimento daquele último capítulo do Sérgio Buarque, a articulação horizontal da classe trabalhadora e evitar o populismo.

As suas críticas: essa teoria teria visão preconceituosa em relação à massa, pois julgava irracional a associação da massa, quando em verdade é uma racionalidade que não era a realidade daqueles intelectuais; liberal, pelo ideal de natureza weberiana, tornando-se uma medida para quem a adota.

CONCLUSÃO:

Pelo presente exposto, podemos notar no decorrer de inúmeros pensadores sociais brasileiros o enfoque na miscigenação, na condição escravocrata e a ligação muito forte do negro com seu trabalho escravo.

Notamos diversas vezes pelos pensadores que, temos que desconectar a imagem do negro com a escravatura (o que dificilmente ocorria como o passar do tempo, mesmo após a abolição.). Isso tem muito haver pela forma de que mesmo após abolição, muitos portugueses aqui presente tinham essa dificuldade de igualdade para com alguém que já foi seu inferior.

Comprendemos também sobre a relação entre senhor e escravo, descrita várias vezes pelos pensadores, como relação pessoal entre ambos, como também a maneira que se era vivida naquele momento da história. Alguns pensadores foram inclusive além de seu tempo, com pensamentos futuros, como forma de tenta resolver e igualar e introduzir o negro, por exemplo, na sociedade.

E também a maneira de se pensar em que o certo era descentralizar os poderes, e não somente ficar nas mãos dos mais poderosos, devia de certa forma distribuir e fazer com que outras camadas da nossa sociedade também tivessem o direito e fazer com que lutassem pelos seus objetivos, fazendo com que houvesse assim uma democracia. Sendo tudo isso falando por alguns pensadores.

Um dos pensadores mais marcantes para minha pessoa com certeza foi Gilberto Freyre, com seu modo de descrever em *Casa grande e senzala* essa forma de relação dos senhores para com seus escravos. Indo além e também explicando de certa forma que o próprio português não era “totalmente puro” devido às cruzadas já feitas anteriormente da chegada o Brasil.

Fazendo com que mesmo com o passar do tempo, lutamos e vivemos algumas coisas que já foram feitas para tentar mudar tudo isso, como por exemplo, a finalidade do preconceito, os direitos iguais perante todos, não somente nas leis, mas sim nas condições de vida, para que possamos todos crescer como uma nação sem preconceito e também com uma igualdade perante todos em todos os aspectos.

BIBLIOGRAFIA:

Bonifácio, José. Apontamentos para civilização dos índios bravos do Império do Brasil, 1823. Soares De Souza Paulino José, Ensaio sobre o Direito Administrativo. – Tipografia Nacional: Rio de Janeiro, 1862.

De Carvalho, Maria Alice Rezende. O quinto século. André Rebouças e a construção do Brasil. 1998. Editora Revan.

Nabuco, Joaquim Edição antiga - Minha Formação, Ed.Col. Saraiva de Bolso, 2015.

Freyre, Gilberto Casa-grande e senzala. Maia&Schmidt Ltda.,1933.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Henrique Cardoso, Fernando. Pensadores que inventaram o Brasil. Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico II, v. 2: dispersão e unidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

NABUCO, Joaquim. Um Estadista do Império. Rio de Janeiro: Top books, 1997.

SITES:

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/politica/populismo.htm>

<http://www.obrabonifacio.com.br/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Bonif%C3%A1cio_de_Andrada_e_Silva

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55328/000856845.pdf?sequence=1>

<https://projetosaquarema.wordpress.com/2016/08/12/preambulo-do-ensaio-sobre-o-direito-administrativo-do-visconde-de-uruguai/>

https://www.ebiografia.com/andre_reboucas/

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308144850_ARQUIVO_FURTADO,AndreCarlos.RaizesdoBrasileSergioBuarquedeHolanda-relacaosimbioticaentreabraeointelectual.pdf

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2804534/mod_resource/content/0/tocqueville_a-democracia-na-america-vol-1.pdf

